



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
COORDENAÇÃO GERAL DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III – GUARABIRA/PB
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
4ª TURMA DE ESPECIALIZAÇÃO:
GEOGRAFIA E TERRITÓRIO: PLANEJAMENTO URBANO, RURAL E
AMBIENTAL**

Linha de Pesquisa:

Planejamento Urbano

**O CENTRO DA CIDADE DE ALAGOINHA/PB E SUAS TRANSFORMAÇÕES
ESPACIAIS**

PATRÍCIA SOARES DE MEIRELES

**GUARABIRA-PB
2020**

PATRÍCIA SOARES DE MEIRELES

O CENTRO DA CIDADE DE ALAGOINHA/PB E SUAS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC - MONOGRAFIA) apresentado junto à coordenação do curso da 4ª Turma de Especialização em Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, através da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP), em cumprimento aos requisitos necessários para obter o título de Especialista em Geografia. Sob a orientação da Profª. Drª. Regina Celly Nogueira da Silva.

Linha de Pesquisa: Planejamento Urbano

**GUARABIRA–PB
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M342c Meireles, Patrícia Soares de.
O centro da cidade de Alagoinha/PB e suas transformações espaciais [manuscrito] / Patrícia Soares de Meireles. - 2020.
78 p. : il. colorido.
Digitado.
Monografia (Especialização em Geografia, Território e Planejamento: Urbano, Rural e Ambiental) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.
"Orientação : Prof. Dr. Regina Celly Nogueira da Silva, Departamento de Geografia - CH."
1. Alagoinha. 2. Cidade. 3. Centro. I. Título
21. ed. CDD 910

PATRÍCIA SOARES DE MEIRELES

O CENTRO DA CIDADE DE ALAGOINHA/PB E SUAS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC - MONOGRAFIA) apresentado junto à coordenação do curso da 4ª Turma de Especialização em Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, através da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP), em cumprimento aos requisitos necessários para obter o título de Especialista em Geografia. Sob a orientação da Profª. Drª. Regina Celly Nogueira da Silva.

Aprovada em: 01/_/12/_/2020.

Banca Examinadora:

Regina Celly N da Silva

Profª. Drª. Regina Celly Nogueira da Silva - UEPB/CH/DG
Orientadora (Doutora em Geografia pela USP)

Belarmino

Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto - UEPB/CH/DG
Examinador (Doutor em Sociologia pela UFPB)

Michele Kely M. S. Souza

Profª. Ms. Michele Kely Moraes Santos Souza- UEPB/CH/DG
Examinadora (Mestre em Geografia pela UFPB)

Dedico esse trabalho a Deus por estar sempre comigo, dando-me força para superar todos os obstáculos. Aos meus familiares pelo apoio e incentivo. A todos colegas e professores da turma de Especialização em Geografia Território e Planejamento Urbano, Rural e Ambiental. E por fim a todos os Alagoinhenses.

AGRADECIMENTOS

Reservo este espaço para agradecer primeiramente a Deus e a todos que contribuíram não só para que este trabalho fosse construído, mas também para a minha formação. Neste sentido, agradeço:

A minha orientadora Regina Celly, por toda sua dedicação, apoio e atenção durante a elaboração do trabalho.

Bem como a todos os professores da especialização que de alguma forma contribuíram para construção do presente trabalho.

Aos professores membros da banca, Belarmino Mariano e Michele Kely, que se dispuseram a avaliar esse trabalho com o intuito de propor possíveis melhorias.

A Belarmino também por juntamente com Luciene Vieira de Arruda, ter coordenado com tanto carinho, paciência, dedicação e atenção essa especialização.

Aos demais funcionários da UEPB, em especial ao assistente técnico Amarildo H. Lucena, aos guardas e aos auxiliares de limpeza do Campus III pelos serviços prestados.

A todos os meus familiares, em especial aos meus pais pelo incentivo e a minha prima Lucyjane, por ter-me ajudado durante a pesquisa de campo.

Aos meus queridos amigos de turma, dos quais sempre lembrarei com muito carinho e saudades. Aprendi muito com cada um deles.

A minha amiga Geisa, por ter sempre estado disposta a me ouvir, ajudar e incentivar.

A todos os entrevistados por terem-me ajudado na obtenção dos dados aqui apresentados referente ao centro de Alagoinha/PB.

Finalmente, expresso meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que direta ou indiretamente incentivaram, contribuíram, auxiliaram, apoiaram, acompanharam e torceram pela realização e conclusão dessa Monografia. Por fim, fico feliz em saber que pude contar com cada um dos citados anteriormente, pois este trabalho não seria o mesmo sem a existência de cada um deles.

“No meio da dificuldade encontra-se a oportunidade.”

Albert Einstein

4ª Turma de Especialização em Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental

TÍTULO DO TRABALHO: O centro da cidade de Alagoinha/PB e suas transformações espaciais

LINHA DE PESQUISA: Planejamento Urbano

MEIRELES, Patrícia Soares de. **O centro da cidade de Alagoinha/PB e suas transformações espaciais**. 2020. 78 f. Monografia, orientada pela prof^a. Dr^a. Regina Celly Nogueira da Silva. (Especialização em Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2020.

AUTORA: Patrícia Soares de Meireles

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Regina Celly Nogueira da Silva (UEPB/CH/DG)

EXAMINADOR: Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto (UEPB/CH/DG)

EXAMINADORA: Prof^a. Ms. Michele Kely Moraes Santos Souza (UEPB/CH/DG)

RESUMO

O centro de uma cidade tem uma grande importância social e econômica dentro do espaço urbano e no território municipal ao qual pertence. Neste contexto, o presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no centro da cidade de Alagoinha/PB. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa consiste em analisar as mudanças ocorridas no centro de Alagoinha/PB, no período de 2009 a 2019. Para a realização da pesquisa, foi feito um levantamento bibliográfico junto a biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), leituras de obras na área de geografia urbana e pesquisa de campo. À vista disso, foram usadas como base teórica para o desenvolvimento deste estudo obras dos autores Carlos (2018), Corrêa (1989), Santos (2008), Souza (2003), Sposito (2010), Villaça (1998), dentre outros. Vale salientar, que nem tudo onde é denominado centro nesta cidade se apresenta dentro deste espaço urbano como uma centralidade, portanto, na presente pesquisa estudou-se apenas o espaço que tem uma função de centralidade, onde apresenta grande fluxo de pessoas por ser nele onde está localizado o comércio, espaços de lazer, boa parte dos serviços e a área histórica. O centro de Alagoinha na última década ganhou novos estabelecimentos e novas praças, de forma que, o que já existia passou por alguma reforma ou foi reconstruído. Atualmente, a área estudada conta com 1 parque de eventos, 6 praças e 328 estabelecimentos, dos quais 196 são residenciais, 242 comerciais, 4 bancários, 14 prestam serviços públicos e 2 são de cunho religioso. Através da pesquisa, conclui-se que no intervalo de 2009 a 2019, o centro da cidade supracitada teve sua infraestrutura e dinâmica econômica transformadas pelos agentes sociais, trazendo assim, algumas melhorias para os seus usuários no que se refere as suas funções comercial, administrativa, bancária e de lazer.

Palavras-chave: Alagoinha; Cidade; Centro.

4th Specialization Class in Geography and Territory: Urban, Rural and Environmental Planning

TITLE: The center of the city of Alagoinha / PB and its spatial transformations

RESEARCH LINE: Urban Planning

AUTHOR: Patrícia Soares de Meireles

ADVISOR: Prof^a. Dr^a. Regina Celly Nogueira da Silva (UEPB / CH / DG)

EXAMINER: Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto (UEPB/CH/DG)

EXAMINER: Prof^a. Ms. Michele Kely Moraes Santos Souza (UEPB/CH/DG)

ABSTRACT

The center of a city is of great social and economic importance within the urban space and in the municipal territory to which it belongs. In this context, the present work is the result of a research carried out in the center of the city of Alagoinha / PB. Therefore, the objective of this research is to analyze the changes that occurred in the center of Alagoinha / PB, in the period from 2009 to 2019. To carry out the research, a bibliographic survey was made at the library of the State University of Paraíba (UEPB), readings of works in the area of urban geography and field research. In view of this, works by the authors Carlos (2018), Corrêa (1989), Santos (2008), Souza (2003), Sposito (2010), Villaça (1998), among others. It is worth noting that not everything where it is called the center in this city is presented within this urban space as a centrality, therefore, in this research we only studied the space that has a centrality function, where it presents a large flow of people because it is where commerce, leisure spaces, a good part of services and the historic area are located. The Alagoinha's center in the last decade has gained new establishments and new squares, so that, what already existed has undergone some renovation or was rebuilt. Currently, the studied area has 1 event park, 6 squares and 328 establishments, of which 196 are residential, 242 commercial, 4 banks, 14 provide public services and 2 are of a religious nature. Through the research, it is concluded that in the period from 2009 to 2019, the aforementioned city center had its infrastructure and economic dynamics transformed by the social agents, thus bringing some improvements for its users with regard to its commercial, administrative functions, banking and leisure.

Keywords: Alagoinha; City; Center.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Mercado Público de Alagoinha na década de 1920.....	33
Figura 2 –	Praça João Pessoa na década de 1980, Alagoinha/PB.....	34
Figura 3 –	Época em que as pessoas viam TV na Praça João Pessoa, Alagoinha/PB.....	34
Figura 4 –	Momento menos arborizado da Praça João Pessoa, Alagoinha/PB.....	34
Figura 5 –	Núcleo de Promoção na década de 1980, Alagoinha/PB.....	35
Figura 6 –	A Creche Municipal na década de 1980, Alagoinha/PB.....	35
Figura 7 –	Igreja Católica, Alagoinha/PB.....	37
Figura 8 –	Mercearia, Alagoinha/PB.....	37
Figura 9 –	Casas históricas, Alagoinha/PB.....	37
Figura 10 –	Casarão Histórico, Alagoinha/PB.....	37
Figura 11 –	Prédio em Ruínas próximo a Praça Geraldo Beltrão, Alagoinha/PB.....	38
Figura 12 –	Prédio em Ruínas na Rua Mestre Raimundo, Alagoinha/PB.....	38
Figura 13 –	Estabelecimentos comerciais do lado esquerdo da Praça Durval Barbosa, Alagoinha/PB.....	40
Figura 14 –	Estabelecimentos comerciais no lado direito da Praça Durval Barbosa, Alagoinha/PB.....	40
Figura 15 –	Estabelecimentos comerciais em frente a Praça Durval Barbosa, Alagoinha/PB.....	41
Figura 16 –	A igreja católica atrai um grande fluxo de pessoas para o centro de Alagoinha/PB.....	45
Figura 17 –	Alagamento no centro de Alagoinha em 2016.....	51
Figura 18 –	Alagamento no centro de Alagoinha em 2019.....	51
Figura 19 –	Ruas do centro de Alagoinha/PB cobertas por lama após o alagamento de 2016.....	51
Figura 20 –	Retroescavadeira fazendo limpeza das ruas do centro de Alagoinha/PB após o alagamento de 2016.....	51
Figura 21 –	Prejuízos causados a uma loja de calçados devido o alagamento de 2016, Alagoinha/PB.....	52

Figura 22 – Residência atingida pelo alagamento de 2016, Alagoinha/PB.....	52
Figura 23 – Festa de Natal no pátio do mercado em 2009, Alagoinha/PB.....	58
Figura 24 – Festa de Natal na Rua Governador José Américo em 2015, Alagoinha/PB.....	58
Figura 25 – Festa de Natal no Parque de Eventos Petrônio Albuquerque em 2016, Alagoinha/PB.....	58
Figura 26 – Praça Geraldo Beltrão, Alagoinha/PB.....	59
Figura 27 – Praça Alfredo Moura, Alagoinha/PB.....	59
Figura 28 – Praça Lia Beltrão, Alagoinha/PB.....	60
Figura 29 – Praça Frei Damião, Alagoinha/PB.....	60
Figura 30 – Praça Banda Cidalino Pimenta, Alagoinha/PB.....	60
Figura 31 – Praça Durval Barbosa, Alagoinha/PB.....	60
Figura 32 – Projeto Circuito Cultura na Praça no mês de fevereiro de 2017.....	61
Figura 33 – Projeto Circuito Cultura na Praça no mês de março de 2017.....	61
Figura 34 – Projeto Circuito Cultura na Praça no mês de agosto de 2017.....	62
Figura 35 – Praça Geraldo Beltrão antes da reconstrução de 2009, Alagoinha/PB.....	63
Figura 36 – Praça Geraldo Beltrão após reconstrução de 2009, Alagoinha/PB.....	63
Figura 37 – Praça Geraldo Beltrão após demolição da fonte em 2019, Alagoinha/PB.....	63
Figura 38 – Festa de inauguração da Praça Durval Barbosa, Alagoinha/PB.....	64
Figura 39 – Estabelecimentos comerciais no centro de Alagoinha/PB.....	66
Figura 40 – Última ampliação do Supermercado Bom de Preço, Alagoinha/PB.....	69
Figura 41 – Feira livre das quartas-feiras em Alagoinha/PB.....	70
Figura 42 – Feira livre dos sábados em Alagoinha/PB.....	70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Os prédios históricos e suas funções sociais em Alagoinha/PB.....	36
Gráfico 2 – Os prédios e os estabelecimentos térreos do centro de Alagoinha/PB.....	42
Gráfico 3 – O número de prédios por quantidade de andares no centro de Alagoinha/PB.....	42
Gráfico 4 – Estabelecimentos Públicos e Privados no centro de Alagoinha/PB.....	43
Gráfico 5 – O aumento da frota de veículos de Alagoinha/PB entre 2006 e 2018.....	46
Gráfico 6 – Distribuição da água pelo SAAE por área, Alagoinha/PB.....	54
Gráfico 7 – As praças e os estabelecimentos comerciais que contribuem para lazer no centro de Alagoinha/PB.....	65
Gráfico 8 – Estabelecimentos comerciais do centro de Alagoinha/PB.....	68

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização do município de Alagoinha-PB.....	29
Mapa 2 – Localização do centro da cidade de Alagoinha/PB.....	30

LISTA DE SIGLAS

CAGEPA- COMPANHIA DE ÁGUA E ESGOTO DA PARAÍBA

CAPS- CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

CPRM- COMPANHIA DE PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS

FUNASA- FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

IDH- ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

PIB- PRODUTO INTERNO BRUTO

SAAE- SERVIÇO AUTÔNOMO DE ÁGUA E ESGOTO

SESP- FUNDAÇÃO SERVIÇO ESPECIAL DE SAÚDE PÚBLICA

FUNASA- FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE

UEPB- UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	O CENTRO DA CIDADE: TEORIAS E SIGNIFICAÇÕES	17
2.1	O CENTRO DA CIDADE ENQUANTO ESPAÇO GEOGRÁFICO	17
2.2	O CONCEITO DE CENTRO NA GEOGRAFIA URBANA.....	20
2.3	O CENTRO DA CIDADE E O PLANEJAMENTO URBANO	24
3	HISTORICIDADE, CARACTERIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DE ALAGOINHA/PB	28
3.1	CARACTERIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO E DA CIDADE DE ALAGOINHA/PB	28
3.2	HISTORICIDADE DO CENTRO DE ALAGOINHA/PB	31
4	O CENTRO DE ALAGOINHA/PB	39
4.1	O CENTRO DE ALAGOINHA E SEUS ESTABELECIMENTOS	39
4.2	O CENTRO DE ALAGOINHA E OS MEIOS DE TRANSPORTE	46
4.3	O CENTRO DE ALAGOINHA E OS SEUS PROBLEMAS RELACIONADOS À ÁGUA.....	50
4.4	O CENTRO DE ALAGOINHA ENQUANTO ESPAÇO DE LAZER	57
4.5	O CENTRO DE ALAGOINHA ENQUANTO ESPAÇO COMERCIAL	66
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
	REFERÊNCIAS	76

1 INTRODUÇÃO

Uma das áreas de pesquisa da geografia é a geografia urbana, que busca compreender a dinâmica dos espaços urbanos, suas singularidades, características e complexidades. Sendo assim, na cidade encontra-se um conjunto de espaços como: ruas, praças, bairros, as periferias e o centro. Sendo o centro a área mais importante, ou seja, é o núcleo da cidade e a área histórica.

Segundo Alves (2010), o termo centro só passou a ser usado na geografia brasileira a partir de 1950. Dessa forma, estudar este espaço da cidade permite compreender a sua história e funções na construção do espaço urbano, como também, as transformações deste. Neste viés, a medida que a cidade cresce, surgem as periferias distantes, novos loteamentos ou bairros se constituem. Desse modo, cada ação, intervenção, no espaço urbano, transforma a dinâmica do centro, sobretudo de uma pequena cidade.

Nesta visão, o centro de uma cidade tem uma grande importância social e econômica dentro do espaço urbano e no território municipal ao qual pertence e conseqüentemente, passa por constantes transformações em relação à infraestrutura e aspectos socioeconômicos. Neste contexto, o presente trabalho abordará o centro da cidade de Alagoinha/PB, cuja qual, é uma das cidades pequenas do estado da Paraíba, em que seu centro se configura para sua população e frequentadores como um espaço de função administrativa, comercial, bancária e de lazer.

O centro da cidade de Alagoinha/PB está localizado entre os paralelos 6°57'01" de Latitude Sul e entre os meridianos e 35°32'46" de Longitude Oeste (tendo como ponto de referência a Praça Geraldo Beltrão). De acordo com a Nova Regionalização do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017) esta cidade localiza-se na Região Geográfica Imediata de Guarabira que faz parte da Região Intermediária de João Pessoa.

Com base nas duas versões de povoamento mencionadas por Andrade Filho (2004), pode-se afirmar que o centro de Alagoinha já surgiu com uma função comercial. Em ambas versões a primeira residência construída neste espaço teve o intuito de servir de estalagem e estabelecimento comercial.

Alagoinha passou a ser considerada cidade em 3 de dezembro de 1953 quando deixou de ser uma vila de Guarabira/PB para ser sede de um novo

Município do Estado da Paraíba. Segundo Andrade Filho (2004), Alagoinha foi distrito de 1921-1938 e vila de 1938-1953.

Segundo o IBGE (2020), o município de Alagoinha/PB possui uma extensão territorial de aproximadamente 96,980 km². Também de acordo com o IBGE, em 2010 esse município tinha em todo o território 13.576 habitantes, dos quais 9.033 residiam no perímetro urbano e 4.544 na zona rural. Com uma densidade demográfica de 139,99 habitantes por km². De acordo com estimativas desse mesmo instituto, em 2020 Alagoinha passou a ter 14.560 habitantes.

Neste contexto, para desenvolver a presente pesquisa teve-se como objetivo geral analisar as mudanças ocorridas no centro de Alagoinha/PB, no período de 2009 a 2019. Já os objetivos específicos, consistiram em identificar quem vive neste centro hoje, compreender as funções do mesmo e apresentar como o poder público influencia as mudanças deste espaço.

O centro de Alagoinha/PB foi estudado através de uma análise do seu espaço geográfico. De acordo com Santos (2006), o espaço geográfico é "um sistema de objetos e um sistema de ações" que é composto por um conjunto inseparável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único no qual a história acontece.

O uso da categoria espaço permitiu enxergar as funções sociais e as relações socioeconômicas do centro de Alagoinha/PB. Esta pesquisa foi realizada em uma escala local com um marco temporal que vai de 2009-2019, de forma que neste intervalo de 10 anos, constatou-se que ocorreram algumas mudanças em relação à infraestrutura, ao comércio, as suas funções e a expansão do espaço que se apresenta como centralidade deste espaço urbano, mudanças essas, que foram ocasionadas pelas práticas de uma sociedade capitalista.

A cidade de Alagoinha é subdividida em ruas que fazem parte do centro, dos conjuntos habitacionais e loteamentos. Entretanto, nem tudo onde é denominado centro nesta cidade se apresenta dentro deste espaço urbano como uma centralidade, portanto, na presente pesquisa estudou-se apenas o espaço que tem uma função de centralidade, onde apresenta grande fluxo de pessoas por ser nele onde está localizado o comércio, espaços de lazer, boa parte dos serviços e a área histórica.

A área estudada é formada pelas ruas: Mestre Raimundo, Maria da Glória Aquino de Oliveira, Deputado Francisco Antônio, Irene Moura, Moura Filho, Antônio

Carneiro, Tenente Moura, José Belo, Capitão Costa, Padre Afonso, Elogio Martins e Doutor João Pequeno. E pelas Praças Alfredo Moura, Geraldo Beltrão, Durval Barbosa, Banda Cidalino Pimenta, Frei Damião e Lia Beltrão.

Este cenário possibilitou chegar aos resultados almejados através de uma metodologia onde foi feita uma pesquisa de campo de cunho quanti-qualitativa, uma vez que foi realizado: levantamento de dados, entrevistas, registros fotográficos, observações in loco e coleta de dados junto aos órgãos públicos.

Neste panorama, foi realizado entre os meses de fevereiro e março de 2020, um levantamento em campo, de forma geral, da quantidade de estabelecimentos existentes em toda a área de estudo. Já de forma específica, buscou-se identificar o número de estabelecimentos: históricos, públicos, privados, religiosos, comerciais dentre outras informações.

Já as entrevistas foram realizadas entre os meses de março e abril de 2020 com 36 pessoas, entre 15 e 70 anos. Sendo 1 taxista, 4 donos de estabelecimentos comerciais, 7 feirantes, 8 moradores do centro e 16 frequentadores. No entanto, apenas 6 pessoas foram entrevistadas pessoalmente, as demais, devido a pandemia do COVID-19, foram de forma virtual através do *Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram*, por meio dos quais, eram enviadas as perguntas e o entrevistado respondia com áudios ou mensagens de texto. Inicialmente, pretendia-se realizar 50 entrevistas, porém em meio às dificuldades só foi possível 36.

Logo, as observações e os registros fotográficos foram realizados entre dezembro de 2018 e outubro de 2020. Entretanto, a pandemia do COVID-19 interferiu nesta parte da pesquisa de campo, visto que, não foi possível ir à feira livre realizada aos sábados, assim como, visitar as praças em momentos com grande fluxo de pessoas em virtude do isolamento social recomendado pelos Órgãos de Saúde.

Foram coletados alguns dados no SAAE (Serviço Autônomo de Água e Esgoto) no mês de março de 2020, assim como, buscou-se alguns dados na Prefeitura e na sede do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), de forma que nos dois últimos órgãos mencionados, foram deixados requerimentos por escrito para que em outro momento fosse disponibilizado um documento com os respectivos dados. Porém, mesmo depois de algumas visitas, nenhum deles disponibilizou tais dados.

O referencial bibliográfico que embasou esta pesquisa compõe-se em obras de autores que abordam a geografia urbana e o conceito de espaço, tais como: Carlos (2018), Corrêa (1989), Santos (2008), Souza (2003), Sposito (2010), Villaça (1998), dentre outros.

O centro é a área da cidade que recebe mais investimentos no desenvolvimento socioeconômico, estudá-lo permitirá compreender como o Estado capitalista atua no planejamento urbano, dando a este espaço novas formas e funções sociais ao longo do tempo. Sendo assim, a presente pesquisa se estrutura apresentando discussões sobre a abordagem da teoria sobre o espaço, centro e planejamento urbano, bem como mostrará de forma breve a historicidade deste espaço, sua caracterização e localização. Por fim, será exposto os resultados da pesquisa.

2 O CENTRO DA CIDADE: TEORIAS E SIGNIFICAÇÕES

Neste capítulo é apresentado três subtítulos onde por meio das discussões de alguns autores da geografia é discutido: o centro da cidade enquanto espaço geográfico; o conceito de centro na geografia urbana; o centro da cidade e o planejamento urbano. A teoria apresentada neste capítulo serviu de subsídio para chegar aos resultados da presente pesquisa.

2.1 O CENTRO DA CIDADE ENQUANTO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Nesta seção será feita uma discussão sobre o centro enquanto espaço geográfico, o qual na atualidade, se apresenta como um dos conceitos-chave para os estudos da geografia. Segundo Corrêa (2000), em 1970 com a geografia crítica, os geógrafos começam a ver o espaço no âmbito da teoria marxista, ou seja, passam a enxergar o espaço como o *lócus* da produção das relações sociais, isto é, reprodução da sociedade. Neste momento, o conceito de espaço ganhou as suas categorias de análise, forma, função, estrutura e processo, sendo as mesmas desenvolvidas por Milton Santos.

Para Corrêa (2000), as categorias de análise do espaço tem os seguintes significados: a 'forma' é o aspecto visível do espaço; a 'função' se apresenta como uma tarefa, atividade ou papel a ser seguido, desempenhado pelo objeto criado; a 'estrutura' é a natureza social e econômica de uma sociedade em um dado momento do tempo, isto é, a matriz social onde as formas e funções são criadas e justificadas; já o 'processo' é uma estrutura em seu movimento de transformação.

Pode-se inferir, segundo Santos (1997), que forma, função, estrutura e processo, quando tomados individualmente, representam apenas realidades parciais limitadas, do mundo. Considerados em conjunto, estes constroem uma base teórica e metodológica, a partir da qual podemos discutir os fenômenos espaciais e totalidade.

Segundo Santos (1997), para o geógrafo expressar o espaço em termos mais concretos, sempre que a sociedade sofre uma mudança, as formas ou objetos geográficos assumem novas funções. Neste sentido, o modo de funcionamento da estrutura social atribui determinados valores às formas. Santos (1997), também menciona que ao se examinar apenas uma fatia do tempo homogêneo, precisa-se

de um contexto em que seja possível basear as observações, uma vez que a estrutura varia conforme os diferentes períodos históricos.

Como foi visto anteriormente, Santos (1997), fala das categorias de análise do espaço e defende que ao estudar um determinado espaço faz-se necessário considerar todas as abordagens, visto que uma depende da outra. Portanto, o centro ou qualquer outro espaço da cidade ao ser estudado na perspectiva da geografia crítica se configura em um espaço que tem sua forma adquirida através de um processo ocorrido ao longo do tempo, isto é, a estrutura e a sua função dependem da sua forma.

Segundo Carlos (2018), os estudos relacionados às cidades são reflexões sobre o espaço urbano. Sendo as cidades a dimensão concreta, vinculada à dinâmica do desenvolvimento. No mundo de acordo com Sposito (2013), existem parâmetros diferentes dentre os países para se definir o que é cidade no Brasil, por exemplo, se tem o sentido político-administrativo que reconhece a sede do município como cidade.

Através do espaço urbano é possível ter uma visão geográfica das cidades e dos diferentes espaços que o forma, tais como: o centro, periferias, bairros, condomínios fechados, loteamentos e conjuntos habitacionais. “Eis o que é o espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas” (CORRÊA, 1989, p.9).

Segundo Sposito (2011), no espaço urbano, diferentes pessoas movimentam-se e apropriam-se dele de forma peculiar, segundo condições, interesses e escolhas que são individuais, podendo ser também, determinadas historicamente. Neste contexto, são consideradas diversas formas de segmentação: idade, perfil cultural, condições socioeconômicas, segmentação profissional e preferências de consumo de bens e serviços.

O centro enquanto espaço se apresenta como uma localidade onde a sociedade, através de suas ações, imprime suas marcas diariamente através da produção e do seu consumo, tornando assim, o centro em um espaço que vive em constante transformação.

Neste contexto, o centro de uma cidade quando analisado por um geógrafo é visto como um espaço urbano, que dentro da cidade se comporta como o ponto de partida, ou seja, foi nele onde se iniciou as primeiras construções da cidade. Assim, devido ao modo como este espaço é produzido pela sociedade, este pode ser visto

como um destaque dentro da cidade, pois é nele onde encontramos os fixos mais importantes e onde ocorre um grande fluxo de pessoas. Por ser o destaque é nele onde os agentes sociais buscam investir e conseqüentemente mudam sua forma.

Os centros das cidades enquanto espaços são constituídos de fixos e fluxos, tendo como exemplo de fixos os estabelecimentos comerciais e de fluxos os consumidores. Como diria Santos (2006), fixos e fluxos juntos, interagindo, expressam a realidade geográfica e é desse modo que conjuntamente aparecem como um objeto de estudo possível para a geografia. Essa teoria foi sustentada por muito tempo, porém hoje os fixos são cada vez mais artificiais e mais fixados ao solo e os fluxos são cada vez mais diversos, amplos, numerosos e rápidos.

Segundo Sposito (2011), o espaço de vida econômica e social de uns, não são os mesmos que os de outros. Logo, a centralidade se segmenta porque não há níveis significativos e circunstâncias frequentes, em que haja igualdade territorial entre as práticas socioespaciais de segmentos de diferente poder aquisitivo. Sendo assim, “o espaço geográfico nasce do processo de construção material da sociedade, no processo de trabalho, ao contrário da terra, que não é produto do trabalho” (CARLOS, 2018, p52). Portanto, o centro das cidades enquanto espaço urbano, também nasceu da construção de uma infraestrutura que é fruto do trabalho humano.

Para Carlos (2011), o espaço se forma ao produzir os conflitos ocultos de uma sociedade fundada na desigualdade, cujo processo de produção do espaço baseia-se nas relações de trabalho entre sociedade e natureza. Assim, implica o entendimento de várias relações: sociais, políticas, ideológicas, jurídicas, culturais- compondo os níveis da realidade e envolve um modo de produzir, pensar e sentir, enfim, um modo de vida.

De acordo com Santos (2006), o espaço é feito de variadas técnicas, uma vez que as técnicas do presente podem sofrer influências das técnicas do passado. Neste sentido, o modo como convivem as distintas técnicas de diferentes idades, leva a compreensão das formas de vida possíveis em determinada área. Quanto mais técnicas são empregadas, mais se tem uma ideia de espaço desenvolvido.

Dentro de uma cidade, o centro é um espaço possuidor de várias técnicas que são uma construção histórico-social. Neste contexto, este é um espaço urbano, possuidor de um número maior técnicas do que as áreas periféricas, ou seja, é tido como a área da cidade mais desenvolvida. Neste cenário, os meios de transporte

são exemplos das técnicas do passado que vem sendo aprimoradas. Sendo assim, é no centro onde podemos notar a grandiosidade desta técnica para o espaço, ou seja, é por meio dela que as pessoas, as correspondências, o dinheiro e as mercadorias chegam, saem e se locomovem neste espaço.

De acordo com Carlos (2018), atualmente as áreas centrais das cidades grandes apresentam mais aspectos negativos do que nas cidades pequenas, visto que nesses locais afloram aspectos como a poluição e o barulho. O centro das cidades pequenas mesmo que em uma escala menor do que os centros das cidades grandes também apresentam problemas, sendo muitos deles relacionados a infraestrutura urbana.

Segundo Sposito e Silva (2013), as cidades pequenas diferem umas das outras, pois em cada espaço urbano existem realidades particulares, havendo distinções na inserção da rede urbana, no caráter demográfico, na economia, na estrutura urbana, entre outros. Os autores destacam ainda, que as cidades pequenas podem ser vistas como espaços urbanos que oferecem um conjunto mais restrito de serviços aos seus moradores e isso difere no nível de consumo e no acesso aos bens mais necessários e indispensáveis à realização da vida. Com isso, as cidades pequenas se tornam dependentes de alguns serviços oferecidos pelas cidades grandes e médias.

Para concluir, o centro da cidade é aquele espaço urbano visto pelos geógrafos como uma área centralizadora, que passou por processos que o criou e o recria dia após dia, tendo formas que foram criadas ao longo do tempo, pelos agentes sociais, ganhando funções únicas em relação as outras áreas da cidade. É por isso que toda cidade depende dele e o vê como destaque.

2.2 O CONCEITO DE CENTRO NA GEOGRAFIA URBANA

O centro é o destaque, interior, foco, meio de algo de onde tudo parte, cujo qual tudo comanda ou depende dele. O urbano como uma espacialidade, tanto pode ser ou ter um centro. É neste sentido que Villaça (1998), afirma que variam muito os conceitos e as realidades representadas pela expressão “centro urbano”, pois ele pode designar ou ser chamado centro tradicional (por alguns autores chamado de centro histórico) pode ser uma área mais ampla, ou seja, “centro expandido” ou até mesmo significar cidade central.

De acordo com Serpa (2011), no urbano o conceito de centro ou localidade central, além de estar associado à aglomeração das atividades terciárias, incorpora também os fatores que favorecem sua formação ou consolidação. Souza (2003), diz que as atividades terciárias, que o constitui em grande parte, são especializadas e sofisticadas.

Sendo assim, o centro por apresentar uma forte concentração de atividades terciárias atrai um grande fluxo de pessoas. Neste ponto de vista, quanto mais estas atividades evoluem, mais aumenta o fluxo de pessoas circulando, sendo consumidores, empregados ou empregadores. Conseqüentemente, os seus moradores tendem a diminuir pelo fato de muitos migrarem para outras áreas da cidade.

Segundo Villaça (1998), à medida que se desenvolve a comunidade organizada, o centro surge em função de uma disputa pelo controle do tempo e energia gastos nos deslocamentos humanos. Portanto “através de um centro diversificado, a população (clientes e consumidores) minimiza seus deslocamentos, podendo, assim, ter todas as suas necessidades realizadas em um tempo mais curto”(SILVA, 2016 p. 81-82).

Assim, o centro faz com que as pessoas economizem tempo, pois em uma pequena escala temporal e espacial, pode-se encontrar grande variedade de coisas que são indispensáveis para sobrevivência de uma sociedade capitalista. Quando se está no centro, é curioso observar quantos caminhos levaram aquele grande fluxo de pessoas a esta localidade, sendo estes caminhos os facilitadores do acesso.

De acordo com Villaça (1998), o centro principal tem a vantagem de poder concentrar tanto os empregos, como os locais de compras e serviços, além de apresentar a posição de acessibilidade para a maior parte da cidade. Logo, para Sposito (2010), o centro por ser uma área onde se localiza o maior número de estabelecimentos comerciais, de bancos e das diferentes formas de produção de serviços, torna-se a localidade mais importante e de maior destaque em qualquer tipo e tamanho de cidade.

Neste contexto, o centro da cidade é aquela localidade que todos ou frequentam, ou precisam dele de forma direta, ou indireta. Nas cidades pequenas, o centro é um espaço que todas as outras localidades da cidade e do município dependem dele. Neste viés, se comparado com as partes de uma casa, ele funciona

como um alicerce, pois foi onde tudo iniciou e é a base que mantém as outras partes.

O que seria o espaço do centro sem as catedrais, bancos, estabelecimentos comerciais e sem ter um grande fluxo de pessoas circulando? Esses elementos fazem com que este espaço atraia cada vez mais estabelecimentos que irão prestar serviços para população, sem tudo isso, ele não seria destaque e suas funções seriam outras e não se apresentaria como uma centralidade.

Villaça (1998), afirma que existe um círculo vicioso para os centros serem centro que é o fato de ser neles onde se localizam os palácios, as catedrais ou os bancos, e o oposto, os palácios, catedrais ou bancos só se localizam nos centros porque eles são centros.

Segundo Villaça (1998), foi a partir do final do século XIX que os centros deixaram de ser apenas cívicos e religiosos, no Rio de Janeiro, e mais tarde nas outras metrópoles brasileiras, o centro começou a ser gradualmente constituído por, restaurantes, hotéis, escritórios de profissionais liberais, crescente número de órgãos públicos etc. Aos poucos esses estabelecimentos expulsaram do centro todo tipo de residência. Ao mesmo tempo, o centro passou a ser não só um lugar cada vez mais utilizado pelas camadas de mais alta renda, para compras e serviços, mas também o principal local de emprego dessa classe.

Diferente do centro do Rio de Janeiro o centro de Alagoinha ainda concentra um número significativo de residências, porém se nota que muitas já foram substituídas por estabelecimentos comerciais. Portanto, o centro desta cidade apresenta-se como um espaço cívico, religioso e comercial.

Villaça (1998), também afirma que no Brasil, o centro passa realmente a ser centro da cidade, ou melhor, de todas as classes sociais, após serem tomados pelas camadas populares a partir de 1980. Até 1950 os centros atingiram sua máxima extensão física, sendo o seu deslocamento territorial na direção da área de concentração das camadas de mais alta renda. Assim os principais centros nas décadas de 1940 e 1950 eram formados por uma parte popular e uma nobre.

O que vemos hoje são os principais centros das cidades sendo utilizado por todas as classes sociais, embora isso seja de forma distinta. Neles, vemos os consumidores dos serviços mais sofisticados, os donos do solo, os empregadores, os empregados, consumidores de bens comuns e os seus moradores.

O centro se configura como uma área onde a pobreza não se apresenta nas formas, mas em seu público, pois além desse espaço ser morada e local frequentado pelos mais favorecidos, é um local frequentado também pelos mais pobres e até por aqueles que estão as margens da pobreza. Em Alagoinha, por exemplo, é nas ruas do centro onde é encontrado um maior número de pedintes.

A desigualdade social pode ser vista nitidamente no centro, na forma como cada classe social o vive. Enquanto uns são donos dessa parte do solo urbano, outros são meros empregados que neste espaço vendem a sua força de trabalho, muitas vezes por menos de um salário mínimo, inclusive, isto é algo comum no comércio das pequenas cidades como Alagoinha.

De acordo com Serpa (2011), o centro funciona de modo diverso para as diferentes classes sociais, já que estas consomem de maneira distinta, os bens e serviços oferecidos pelos diferentes centros e subcentros, seja nas escalas regional, metropolitana ou intraurbana.

Segundo Alves (2011), ainda que possa ser analisado em várias escalas, o centro tem como atributo a centralidade, ou seja, a capacidade de concentrar, em um determinado espaço, vários elementos necessários à reprodução da vida e, no sistema capitalista, a reprodução do próprio sistema, como equipamentos de circulação, comércio, serviços. Se até os anos 1950 no Brasil podia-se dizer que o centro das cidades era único, hoje, pode-se inferir que temos vários tipos de centros. Sejam estes com centralidades específicas e monofuncionais, muitas vezes destinados a grupos específicos da sociedade, ou em outros mais tradicionais, com comércio diversificado e uma mescla maior de grupos sociais.

Nas cidades podem ser encontrados centros principais e subcentros, porém a última espacialidade é comum ocorrer apenas em cidades grandes. Nas cidades pequenas são encontrados apenas o centro principal ou tradicional. Os centros principais seriam de forma bem resumida onde iniciou toda a história da cidade. Já os subcentros são outras centralidades existentes na cidade que atende, por exemplo, as necessidades apenas de um bairro.

Segundo Villaça (1998), o subcentro é uma réplica em tamanho menor do centro principal, com o qual concorre em parte sem, entretanto, a ele se igualar. A diferença existente entre os dois é que o subcentro apresenta tais requisitos apenas para uma parte da cidade e o centro principal cumpre-os para toda a cidade. Os

centros principais e os subcentros se formam atendendo os interesses do deslocamento de pessoas organizadas em classes.

2.3 O CENTRO DA CIDADE E O PLANEJAMENTO URBANO

O ser humano tem o hábito de planejar, dentre os seus diversos tipos de planejamento está o Planejamento Urbano que segue sempre a lógica do sistema capitalista. De acordo com Villaça (2004), o conceito de planejamento urbano tem como particularidade a organização do espaço urbano (embora possa não se limitar a isso) e aplica-se ao plano de uma cidade individualmente. Segundo Santos (2004):

[...] O planejamento é um processo contínuo que envolve a coleta, organização e análise sistematizadas das informações, por meio de procedimentos e métodos, para chegar a decisões ou a escolhas acerca das melhores alternativas para o aproveitamento dos recursos disponíveis. Sua finalidade é atingir metas específicas no futuro, levando a melhoria de uma determinada situação e ao desenvolvimento das sociedades [...] (SANTOS, p.24, 2004).

Neste sentido, o planejamento quando aplicado a espaços urbanos, jamais pode ser o contrário de contínuo, pois as cidades vivem em constante mudança. O centro das cidades, por exemplo, é um espaço que vive mudando. Isso se deve ao seu desenvolvimento socioeconômico. Por isso, o seu planejamento não pode ser algo momentâneo.

Os centros das cidades por serem dinâmicos, necessitam de um planejamento que seja contínuo para poder atender as demandas de cada época. O centro é o espaço da cidade onde ocorrem mais mudanças em termos de infraestrutura. É tanto que o seu espaço em questão de um ano, pode passar por mudanças bruscas. Onde era uma casa vira um supermercado, a praça que tinha várias árvores fica menos arborizada para se tornar mais “moderna”, os casarões antigos são demolidos para construção de estruturas novas que revelam as características da sociedade atual.

De acordo com Santos (2006), com diferença de grau e de intensidade, todas as cidades brasileiras exibem problemáticas parecidas. O seu tamanho, tipo de atividade, região em que se inserem etc. São elementos de diferenciação, mas em todas elas há problemas em relação ao emprego, habilitação, transportes, lazer, água, esgotos, educação e saúde. Estes são considerados comuns e revelam

enormes carências. Neste sentido, quanto maior a cidade, mais visíveis se tornam essas mazelas. Entretanto, estas problemáticas estão em toda parte, inclusive nas cidades pequenas.

O planejamento urbano é uma tentativa para resolver as problemáticas já existentes nas cidades e de evitar que outras venham surgir. Boa parte das cidades brasileiras não surge a partir do planejamento, fato este, que contribui para que o crescimento das cidades venha acompanhado de diversos problemas. Porém, isso não quer dizer que as cidades planejadas como Brasília, por exemplo, não apresentam problemas. De acordo com PARIZOTTO (2016), Brasília também tem problemas urbanos como alagamentos e inundações. Todas as cidades, sejam elas planejadas para surgir ou não, necessitam que sejam feitos planejamentos urbanos ao longo da sua existência, a fim de minimizar ou até mesmo sanar problemas já existentes ou que possam surgir futuramente com o crescimento da cidade.

De acordo com Souza (2006), é válido salientar que se deve tomar cuidado para não confundir gestão urbana com planejamento urbano. Essas duas ações dependem uma da outra, mas jamais uma pode substituir a outra ou ser vista como a mesma coisa. Sendo assim, é na distinção existente entre os dois termos que eles se completam e vão dando formas e funções ao espaço.

Segundo Souza (2006), a gestão remete ao presente e o planejamento ao futuro, isto é, são atividades diferentes, mas uma complementa a outra sem haver uma hierárquica entre si. Neste contexto, o planejamento é a preparação para a gestão futura, em que o que se busca é evitar ou pelo menos minimizar problemas, além de ampliar margens de manobra. Enquanto à gestão, ela é, ou deveria ser, ao menos em parte, a administração das condições e dos resultados que o planejamento passado ajudou a construir.

Em toda gestão, mudanças são feitas na cidade em especial no centro por ser o espaço mais visível e frequentado. Portanto, a cada gestão este espaço ganha uma marca do estado para ser recordado pela população. Dentre elas, estão às construções de prédios públicos, espaços de lazer, reformas de espaços ou de prédios públicos já existentes. Não é comum vermos uma gestão dá continuidade ao trabalho realizado por outra, busca-se sempre deixar a sua marca apagando a da anterior. Este é um dos motivos para as praças centrais passarem por tantas mudanças. Alagoinha é um exemplo nítido disto, pois a cada 4 anos o seu centro ganha novas mudanças realizadas pelo poder público.

O planejamento e a gestão urbano não promovem a democracia, pois legitimam os interesses privados. De acordo com Souza (2006), os “gestores” valendo-se do saber técnico simultaneamente, encobrem e negam a dimensão política do planejamento e da gestão e instrumentalizam-na distorcida e reduzidamente, como poder explícito opressor. Portanto, no planejamento urbano, quem diz a última palavra, normalmente, não são os pobres e sim os mais favorecidos.

Segundo Souza (2006), a participação popular no planejamento e na gestão das cidades continua alimentando acaloradas discussões. Neste sentido, há os que argumentam que essa participação é desejável e totalmente legítima, por se tratar de um direito. Desse modo, argumenta-se que sobre a base da participação popular, as decisões sobre a alocação de recurso ou sobre intervenções no espaço estarão sendo mais bem informadas, à luz das necessidades reais da população, reduzindo, assim, o desperdício. Neste sentido, argumenta-se também, que uma vez que se sintam participantes de processos decisórios, as pessoas tenderão, a se sentir mais responsáveis perante os bens públicos e os destinos da cidade.

De acordo com Corrêa (1989), o Estado se apresenta de modo mais corrente e esperado, interessando tanto às empresas como à população em geral, através da implantação de serviços públicos, como sistema viário, calçamento, água, esgoto, iluminação, parques, coleta de lixo etc. A elaboração de leis e normas vinculadas ao uso do solo, as normas do zoneamento e o código de obras, entre outras, constituem outro atributo do Estado no que se refere ao espaço urbano. Assim, é fruto do seu desempenho espacialmente desigual, enquanto provedor de serviços públicos, especialmente aqueles que servem à população, que o Estado se torna o alvo de certas reivindicações de segmentos da população urbana.

Segundo a Constituição Estadual da Paraíba (2005), as diretrizes gerais do planejamento urbano constarão, obrigatoriamente, da lei orgânica dos Municípios e terão como parâmetros os princípios básicos inseridos nesta e na Constituição Federal. Com base no Estatuto da Cidade (2008), Lei Nº 10.257, de 10 de julho de 2001, e no seu inciso III do artigo 4 e do capítulo II, são tidos como planejamento municipal: plano diretor; disciplina do parcelamento, do uso e da ocupação do solo; zoneamento ambiental; plano plurianual; diretrizes orçamentárias e orçamento anual; gestão orçamentária participativa; planos, programas e projetos setoriais; planos de desenvolvimento econômico e social;

O fato do plano diretor ser obrigatório para as cidades com mais de vinte mil habitantes, faz com que pouquíssimas cidades médias e pequenas não o tenham. Isso de certa forma interfere de forma negativa na organização do espaço urbano da maioria das cidades pequenas. Como é enfatizado por Souza (2006), não planejar aumenta as chances de fracasso.

O fato de Alagoinha ser um município que possui menos de vinte mil habitantes faz com que o mesmo não seja obrigado a ter um Plano Diretor e com isso, é assistido pelo Estado com base no §2º, do art. 185 da Constituição Estadual, na elaboração das diretrizes gerais de ocupação de seu território.

A cidade de Alagoinha assim como boa parte das cidades pequenas do nosso país, não surgiu a partir de um planejamento e ainda não é organizada através de um Plano Diretor que poderia resolver alguns problemas urbanos já existentes e evitar que novos viessem a existir.

De acordo com a Lei Orgânica do município de Alagoinha, de 5 de abril de 1990, e no seu Art. 78 a política de desenvolvimento urbano neste município será fixada em lei ordinária, com o objetivo de ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes.

Se os problemas urbanos assolam todos os tamanhos de cidade, por que a falta de interesse em elaborar planejamentos urbanos para as pequenas cidades? Os problemas nelas podem ser considerados menores, porém afetam o bem-estar social de uma população. Por isso, que os Planos Diretores deveriam ser obrigatórios para todas as cidades sem considerar o número de habitantes.

3 HISTORICIDADE, CARACTERIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DE ALAGOINHA/PB

Como falar do centro de Alagoinha sem mencionar a sua história que vem desde o surgimento do povoado. Este surgiu às margens de uma pequena lagoa que ficava no espaço onde hoje temos como sendo o centro desta cidade. Na geografia, o novo é fruto do passado, portanto não se pode explicar o espaço atual de um centro sem antes saber um pouco de como surgiu e de sua evolução.

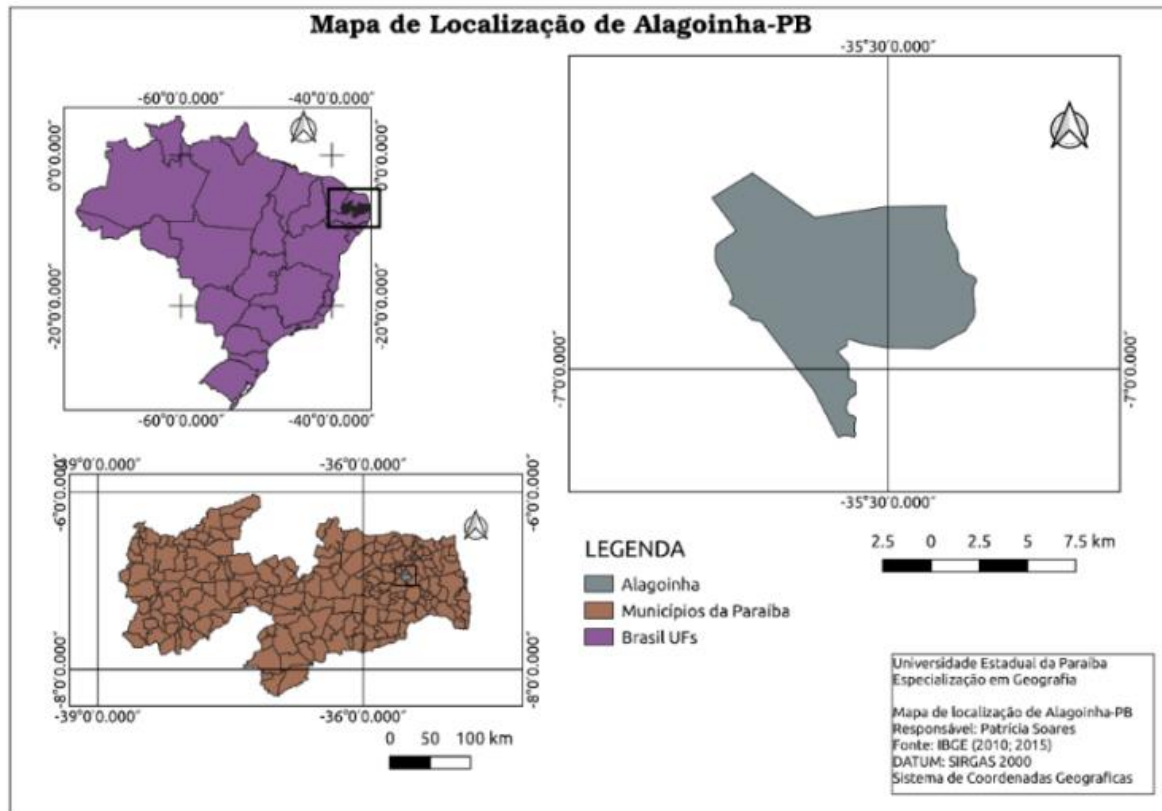
O centro de Alagoinha faz parte de um espaço maior chamado cidade, a qual faz parte de um território chamado, município. Segundo Souza (2003), em nosso país, as cidades são vistas como um espaço onde ocorre toda a gestão do território municipal, pois se apresentam enquanto sede de empresas (privadas e estatais), do comércio, do poder religioso e político. Já os municípios são formados por espaço urbano e pelo campo.

O centro não é um espaço isolado, este se relaciona com o resto da cidade e com todo o território municipal. Antes mesmo de vê-lo como centro, deve-se observá-lo como um espaço pertencente a cidade e ao município. Neste capítulo, é apresentado uma breve caracterização do município e um pouco da sua história que permitirá entender com mais precisão a sua configuração espacial atual.

3.1 CARACTERIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO E DA CIDADE DE ALAGOINHA/PB

A cidade de Alagoinha, de acordo com a nova divisão regional do IBGE de 2017, localiza-se na Região Intermediária de João Pessoa, mais precisamente na Região Geográfica Imediata de Guarabira a 84 km de João Pessoa. Esta se encontra entre os paralelos de 6°53'47" e 6°58'37" de latitude Sul e entre os meridianos de 35°28'06" e 35°32'39" de longitude Oeste. Segundo o IBGE (2020), este município possui uma extensão territorial de aproximadamente 96,980 km² (Mapa 1).

Mapa 1 - Localização do município de Alagoinha-PB.

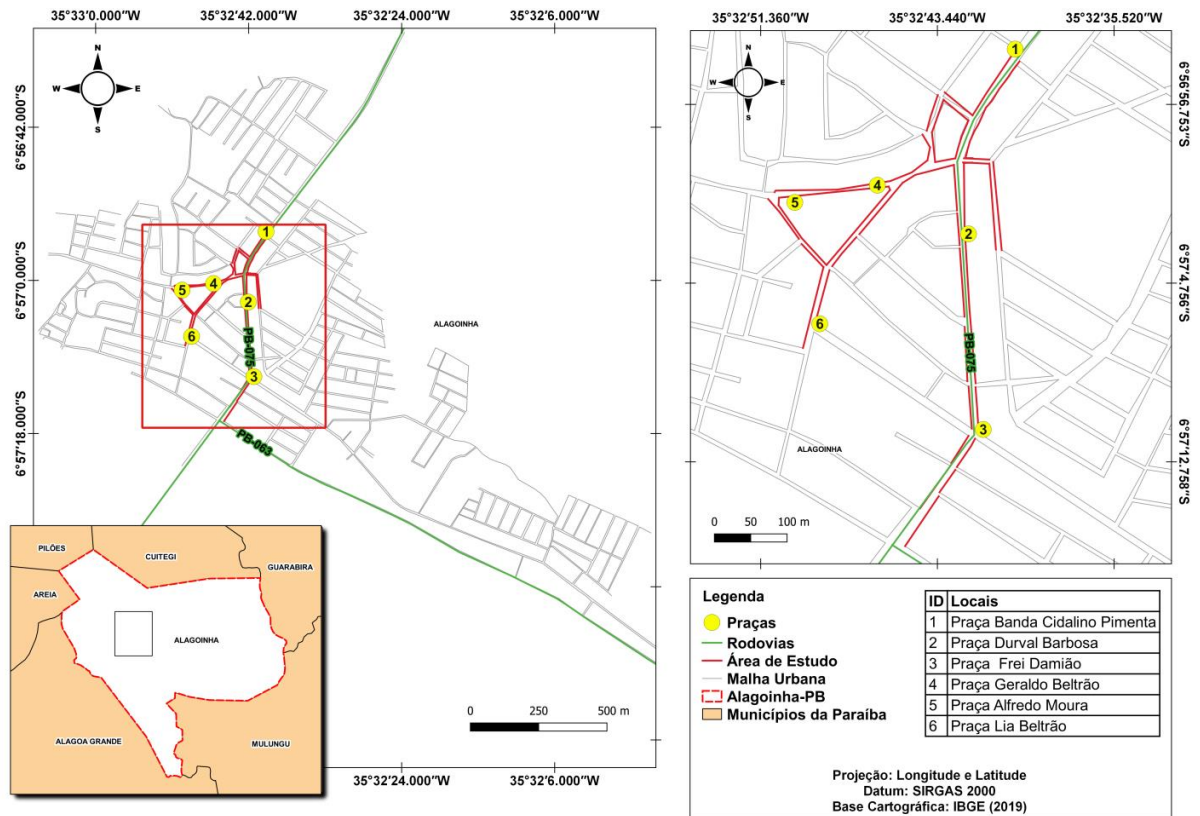


Fonte: Elaborado pela Autora (2019).

O município de Alagoinha limita-se ao Norte com Cuitegi, ao Sul com Alagoa Grande e Mulungu, bem como ao Leste com Mulungu e Guarabira e a Oeste com Pilões, Areia e Alagoa Grande. A cidade é interligada aos municípios de Guarabira, Cuitegi e Alagoa Grande pela rodovia Margarida Maria Alves (PB-075) e a Mulungu pela rodovia (PB-063). Já o acesso a Pilões é feito via Cuitegi e a Areia, via Alagoa Grande.

O centro da cidade de Alagoinha/PB está localizado entre os paralelos $6^{\circ} 57'01''$ de Latitude Sul e entre os meridianos e $35^{\circ}32'46''$ de Longitude Oeste, tendo como ponto de referência a Praça Geraldo Beltrão. Sendo a área de estudo formada pelas ruas: Mestre Raimundo, Maria da Glória Aquino de Oliveira, Deputado Francisco Antônio, Irene Moura, Moura Filho, Antônio Carneiro, Tenente Moura, José Belo, Capitão Costa, Padre Afonso, Elogio Martins e Doutor João Pequeno. E pelas Praças Alfredo Moura, Geraldo Beltrão, Durval Barbosa, Banda Cidalino Pimenta, Frei Damião e Lia Beltrão (Mapa 2).

Mapa 2 - Localização do centro da cidade de Alagoinha/PB.



Fonte: Elaborado por Ramon Santos Souza (2020).

Segundo o IBGE, em 2010 o município de Alagoinha-PB tinha uma área territorial que possuía uma densidade demográfica de 139,99 habitantes por km². Já em todo o território residia 13.576 habitantes, dos quais 9.033 eram no perímetro urbano e 4.544 na zona rural. Como pode-se ver, em 2010 a maioria da sua população já residia no perímetro urbano. De acordo com estimativas desse mesmo instituto, em 2020 Alagoinha passou a ter 14.560 habitantes.

Segundo o IBGE (2020), o IDH de Alagoinha em 2010 correspondia a 0,595. De acordo com este mesmo instituto, o município em 2017 tinha: um PIB per capita de 7.516,55 R\$, uma receita de 36.867,88 e as despesas eram 32.853,50. Neste mesmo ano, o salário médio mensal era de 1,9 salário, tendo uma proporção de pessoas ocupadas de 751 que equivalem 5,2%.

O município não é capaz de gerar empregos para todos os indivíduos, portanto muitos vivem de: auxílios governamentais como bolsa família e outros em uma constante migração pendular para outros municípios do estado. A maioria dos empregos existentes no município são empregos públicos, tanto em repartições estaduais como municipais.

3.2 HISTORICIDADE DO CENTRO DE ALAGOINHA/PB

O espaço onde hoje se encontra o centro da cidade de Alagoinha, desde a época do povoamento, vem passando por várias transformações, que ao longo do tempo transformou o meio natural em espaço geográfico, onde o homem por meio de suas ações o transformou de acordo com as suas necessidades.

O que se tem hoje como centro, um dia foi apenas uma área coberta por matas sem nem uma função de centralidade. Entretanto, com as ações da sociedade no decorrer do tempo foi ganhando formas e a função de centro. De acordo com Andrade Filho (2004), o local onde hoje se encontra o centro de Alagoinha no início era apenas um local onde existia um estabelecimento comercial as margens de uma pequena lagoa, depois passou a ser, povoado, distrito, vila e por fim cidade. Essa localidade, ao longo de sua história, além de passar por mudanças nas suas formas e funções, também passou por mudanças no seu nome, pois além do nome Alagoinha também já foi chamada de Tauatuba e Alagoinha Serra do Boi.

Segundo Andrade Filho (2004), em relação à data do início do povoamento, e de quem foram os primeiros habitantes do território de Alagoinha, não há uma versão precisa, pois existem duas versões que abordam esse acontecimento, uma que ocorreu em 1864 e a outra em 1870.

De acordo com Andrade Filho (2004), a primeira versão alega que em 1864 a margem de uma pequena lagoa, existia uma estrada por onde passavam muitos comerciantes ambulantes e tropeiros que vendiam em várias feiras da região da antiga Coapaoba. Próximo a esta pequena lagoa, duas mulheres construíram uma humilde estalagem de taipa que passou a ser parada obrigatória para essas pessoas que vinham cansadas de suas longas viagens, como também para o descanso dos animais que eram o meio de transporte utilizado na época.

Segundo Medeiros (1950) *apud* Andrade Filho (2004), a segunda versão afirma que o fundador do povoado foi um senhor chamado Luiz Honorato, que em 1870 construiu uma residência e um estabelecimento comercial que servia de ponto de parada para as pessoas descansarem e se alimentarem. Estes estabelecimentos se localizavam no mesmo local descrito na primeira versão e atendia o mesmo público.

As diferenças existentes entre as duas versões de povoamento é apenas a data e quem iniciou. Já os aspectos em comum têm a localização, as características

do espaço e o fato de ter sido povoado com o intuito de atender as necessidades do grande fluxo de pessoas que passavam por esta área para a região da antiga Copaoba.

Com base em Andrade Filho (2004), percebe-se que o local onde hoje se localiza o centro de Alagoinha, desde os primórdios, mesmo sem ser uma centralidade, já tinha uma função comercial. De início, este comércio tinha como público-alvo pessoas de outros municípios que passava por esta localidade com destino as cidades da região.

Alagoinha assim como todo aglomerado humano, ainda enquanto povoado já existia um espaço reservado para os atos religiosos como missas, batismos e casamentos. Segundo Andrade Filho (2004), era uma palhoça construída pelo senhor Valdevino Montenegro que também foi responsável pela construção de várias casas de tijolos, telhas e taipa cobertas de palha, as quais foram alugadas para as pessoas mais pobres.

A igreja católica no Brasil, sempre expressa dentro dos espaços urbanos prédios grandiosos que esbanjam uma beleza arquitetônica inigualável nos centros das cidades. De acordo com Andrade Filho (2004), em 1890 foi construída a igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição localizada onde hoje fica o centro da cidade de Alagoinha/PB que na época era apenas um povoado.

De acordo com Andrade Filho (2004), após a fundação do povoado que ocorreu no final do século XIX, Alagoinha foi se desenvolvendo e se estruturando principalmente através da construção de várias casas, tanto residenciais quanto comerciais, que ofereceram outros serviços, proporcionando à população melhores condições de vida e conseqüentemente, foi permitido ao pequeno povoado em 1921 a criação do Distrito de Paz de Alagoinha, que pertencia ao município de Guarabira/PB.

Para Andrade Filho (2004), vários benefícios foram implantados quando Alagoinha ainda era distrito, como a iluminação a gás através do motor, a construção do Mercado Público, a perfuração de poços e a construção da estrada que ligava Alagoa Grande à Guarabira, passando pelo local onde hoje se encontra o centro (Figura 1).

Figura 1 - Mercado Público de Alagoinha na década de 1920.



Fonte: ANDRADE FILHO (2004).

A construção do mercado público de Alagoinha em 1922 trouxe para o distrito um local comercial. “Se tomarmos a leitura pela perspectiva linear no tempo histórico, encontramos os mercados públicos como espaços de troca sempre presentes nos agrupamentos humanos, desde os tempos mais remotos” (PINTAUDI, 2011, p. 171).

O pátio deste mercado, por um grande período, foi usado como o principal espaço para grandes eventos, como as tradicionais festas de Natal e São João. Com o passar do tempo, ocorreu a necessidade de mudar o local destas festas devido ao fato deste espaço não comportar mais o público atraído. Além de ter sido usado para realizações de grandes festas, o pátio até hoje é usado para a feira livre.

Segundo Andrade Filho (2004), a partir de 1938, Alagoinha passou a ser vila. Foi neste momento de sua história, que na década de 1950 foi construída uma das principais praças do centro de Alagoinha, a Praça João Pessoa, hoje chamada de Praça Geraldo Beltrão, com um obelisco, o qual, não existe mais devido a uma das reformas. Segundo Ferreira (2001), obelisco trata-se de um monumento ou marco quadrangular alongado de pedra, sobre um pedestal (Figura 2, 3 e 4).

Figura 2 - Praça João Pessoa na década de 1980, Alagoíinha/PB.



Fonte: Blog do Cristiano Alves. Adaptado pela autora (Junho, 2020).

Figura 3 - Época em que as pessoas viam TV na Praça João Pessoa, Alagoíinha/PB.



Fonte: Blog do Cristiano Alves. Adaptado pela autora (Junho, 2020).

Figura 4 - Momento menos arborizado da Praça João Pessoa, Alagoíinha/PB.



Fonte: Blog do Cristiano Alves (Junho, 2020).

As figuras 2, 3 e 4 mostram a Praça Geraldo Beltrão a partir da década de 1980 quando ainda era chamada de Praça João Pessoa. Pode-se ver que as corriqueiras transformações ocorridas nesta praça é algo que vem ocorrendo desde o passado e que isso não é um fato comum apenas a atualidade, no próximo capítulo será mostrado as mudanças ocorridas na mesma no intervalo que vai de 2009 a 2019. A forma como as pessoas vivenciavam esta praça também foi mudando no decorrer dos anos, quando na mesma existia um coreto, por exemplo, as pessoas se reunião para ver TV. Em cada época surgem novos atrativos para que essa praça seja um dos elementos do centro que contribui para que nesse espaço sempre esteja circulando um grande fluxo de pessoas.

Neste sentido, foi por causa do desenvolvimento e da estrutura urbana, que a vila de Alagoinha apresentava que no dia 3 de dezembro de 1953 passou a ser sede de um dos municípios do Estado da Paraíba. Este já era considerado um espaço urbano desde a época em que era distrito. Segundo Andrade Filho (2004), Alagoinha foi distrito de 1921-1938 e de 1938-1953 foi vila.

Para Carlos (2018), as cidades nascem da necessidade de se organizar um dado espaço no sentido de integrá-lo e aumentar sua independência visando determinado fim. Assim, a sobrevivência do grupo no lugar, e o rompimento do isolamento das áreas agora são sob sua influência. A mesma autora fala que a vida das pessoas se modifica com a mesma rapidez com que se reproduz a cidade. Neste contexto, o lugar da festa e encontros quase desaparece; o número de brincadeiras infantis nas ruas diminui e as crianças quase não são vistas; os pedaços da cidade são vendidos, no mercado, como mercadorias; árvores são destruídas e praças transformadas em concreto.

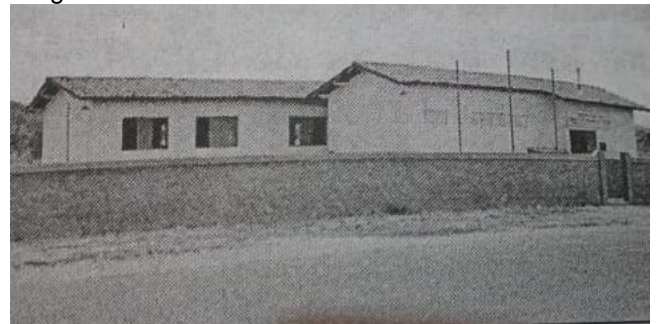
Andrade Filho (2004), nos mostra também que na década de 1980 foram construídas duas importantes obras no centro da nossa cidade, a Creche Municipal Maria José Barbosa de Lucena e o Núcleo de Promoção Humana. Neste sentido, a creche ainda funciona, atendendo as crianças de 0 a 5 anos com a educação infantil. Já o Núcleo que tinha a função de oferecer cursos profissionalizantes, atividades de inclusão social e de lazer para a população, depois de alguns anos, passou a ser um prédio abandonado onde residiam algumas famílias. E em 2018 foi demolido para que fosse construída mais uma praça no centro, a Praça Durval Barbosa (Figuras 5 e 6).

Figura 5 - Núcleo de Promoção na década de 1980, Alagoinha/PB.



Fonte: ANDRADE FILHO (2004).

Figura 6 - Creche Municipal na década de 1980, Alagoinha/PB.



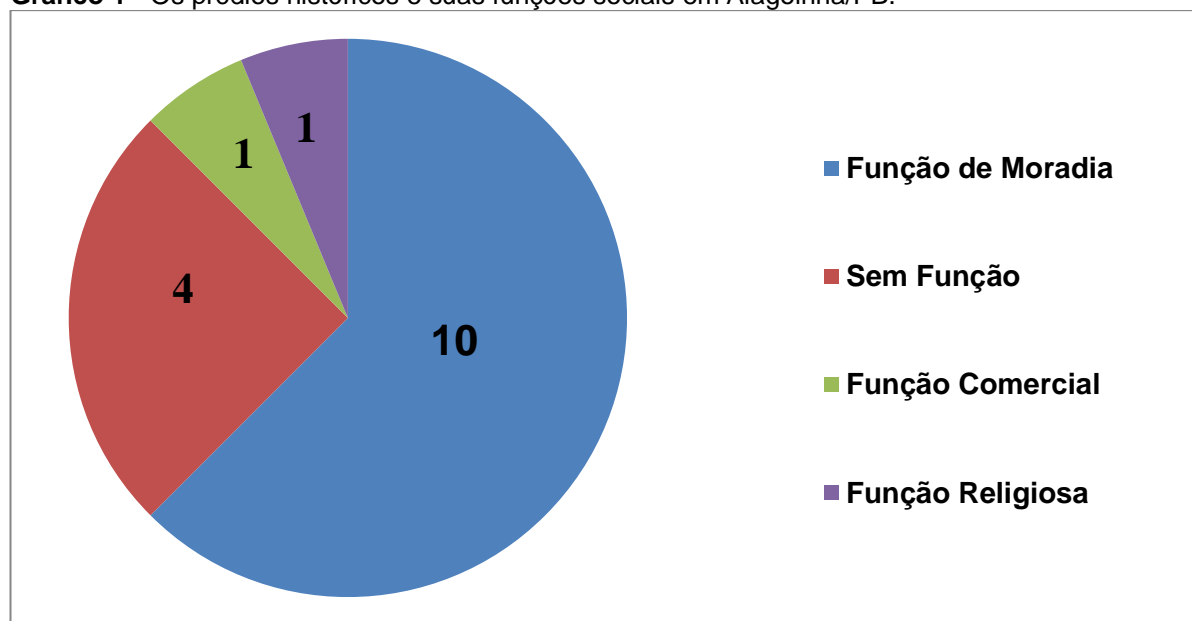
Fonte: ANDRADE FILHO (2004).

Nas cidades, boa parte dos prédios ao perderem a sua função ou são reformados e ganham uma nova função ou são demolidos, como foi o caso do Núcleo de Promoção Humana. Segundo Santos, (2006), as técnicas que perderam suas reais funções e tudo aquilo que é antigo e ultrapassado no espaço é substituído pelo novo, com isso a sociedade passa por mudanças comportamentais bruscas, que faz com que o espaço geográfico passe por mudanças significativas.

Este processo de reestruturação dos espaços urbanos antigos ocorre porque a sociedade constantemente o modifica para que o mesmo, além de ter uma aparência mais moderna, possa criar as necessidades da atualidade. Nesta linha de pensamento, muitos prédios antigos já foram demolidos no centro onde tudo iniciou, restando apenas na memória das pessoas, que no local onde hoje é uma loja, no passado era uma humilde residência; onde antes era uma pequena lagoa hoje é um solo calçado; no local do obelisco do centro da praça passou a ser uma fonte, que posteriormente foi demolida para dá lugar ao escudo do município. Assim as formas da cidade vão mudando e com estas mudanças o espaço vai perdendo as rugosidades tão faladas por Milton Santos.

Devido ao avanço do comércio e a necessidade de prédios mais bem estruturados, hoje no centro de Alagoinha são encontrados apenas 16 prédios que carregam em suas estruturas as marcas do passado. A maioria desses prédios ainda são moradias (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Os prédios históricos e suas funções sociais em Alagoinha/PB.



Fonte: Elaborado pela Autora (2020).

Alguns desses prédios resistirão as mudanças impostas no espaço e permanecerão com suas formas e funções, outros irão ser substituídos. Todavia, por não serem tombadas as residências mais antigas tendem a serem reformadas ou substituídas por um aspecto arquitetônico mais moderno. Isso se dá por serem localizadas no centro, podendo até perder a função de moradia e ganhar outra que o processo de reprodução do capital exija. A igreja católica é um dos prédios que mais resiste às mudanças arquitetônicas que ocorrem nos espaços urbanos. Sem falar que esta não perde a sua função religiosa. Assim, sua forma e função são preservadas (Figura 7, 8, 9, 10, 11 e 12).

Figura 7 – Igreja Católica, Alagoinha/PB.



Fonte: Da Autora (2019).

Figura 8 – Mercaria, Alagoinha/PB.



Fonte: Da Autora (2019).

Figura 9 – Casas históricas, Alagoinha/PB.



Fonte: Da Autora (2019).

Figura 10 – Casarão Histórico, Alagoinha/PB.



Fonte: Da Autora (2019).

Figura 11 - Prédio em Ruínas próximo a Praça Geraldo Beltrão, Alagoinha/PB.



Fonte: Da Autora (2019).

Figura 12 – Prédio em Ruínas na Rua Mestre Raimundo, Alagoinha/PB.



Fonte: Da Autora (2019).

Nas figuras 11, e 12, percebe-se que alguns dos prédios históricos existentes no centro de Alagoinha estão em péssimo estado de conservação. O desenvolvimento do centro vem destruindo os poucos prédios históricos que ainda existem e dando um aspecto mais moderno a este espaço. Com isso, a sua história fica guardada nas fotografias antigas e na memória das pessoas, já que o espaço vem perdendo as suas rugosidades com a modernidade.

O centro é onde a cidade surgiu, é nele onde se pode encontrar um número maior de prédios antigos. Prédios esses, que por meio das suas formas arquitetônicas se destacam entre os mais novos. Santos (2008), diria que estes prédios são as rugosidades do espaço, ou seja, o que ficou do passado como forma, espaço construído, paisagem e que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares.

Neste contexto, o centro de Alagoinha não é mais como era antes, nem vai ser assim para sempre. O fato do seu povoamento ter ocorrido a partir do que se tem hoje como centro da cidade, fez com que os seus monumentos históricos mais relevantes se concentrassem nesta localidade. Portanto, o centro é o cartão postal de toda cidade, com sua beleza onde o velho e o novo se cruzam, sendo o novo na maioria das vezes mais valorizado.

A modernidade sempre estará presente no centro, mesmo que para isso, o velho tenha que ser demolido levando com si as marcas da história para dar lugar ao novo. Isso se deve ao fato da sociedade capitalista em que vivemos exigir mudanças constantes para que as novas técnicas tenham um espaço com formas que possibilitem o seu desenvolvimento.

4 O CENTRO DE ALAGOINHA/PB

Com o passar do tempo, os hábitos das pessoas mudam devido surgimento de novas formas de consumo. Isso faz com que o espaço passe por constantes mudanças para atender os padrões de consumo da modernidade. Portanto, o centro enquanto espaço se apresenta para sua população e frequentadores, em cada época, de acordo com as exigências do momento e também conforme o seu crescimento socioeconômico.

Em 10 anos, o centro de Alagoinha ganhou várias melhorias em sua infraestrutura urbana, pode-se ter como exemplo a construção de praças e de um parque de eventos. Melhorias essas que foram ocasionadas pelas intervenções dos agentes sociais. Novos problemas urbanos também surgiram e outros foram intensificados, cabendo ao poder público buscar meios para resolver.

Neste capítulo será apresentado o centro de Alagoinha/PB, por meio: dos seus estabelecimentos, que contribuem para as suas funções; dos meios de transporte enquanto elemento que contribui para circulação de pessoas e mercadorias; do problema de abastecimento de água e dos alagamentos nos dias de fortes chuvas; dos elementos que contribuem para que os alagoinhenses possam vivenciar momentos de lazer; e do comércio.

4.1 O CENTRO DE ALAGOINHA E SEUS ESTABELECIMENTOS

Nas cidades, os estabelecimentos são elementos fixos no espaço que podem ter suas formas e funções alteradas ao longo do tempo. Os mesmos na conjuntura espacial o dão formas e funções. Portanto, os estabelecimentos contidos no centro de Alagoinha determinam as suas funções e formas vão sendo dada a este espaço que vive em um processo contínuo de transformação para atender as necessidades socioeconômicas de cada momento.

O fato do centro de Alagoinha ser um espaço de destaque dentro da cidade é um dos motivos, que o faz ser uma localidade exclusiva de determinados tipos de estabelecimentos. Portanto, é comum a existência de estabelecimentos comerciais, bancários, administrativos e religiosos, os quais não são encontrados em outras áreas da cidade.

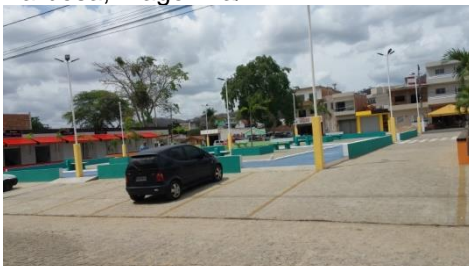
Alguns estabelecimentos comerciais de gêneros alimentícios, por exemplo, até são encontrados nas áreas mais afastadas do centro, porém, em uma pequena quantidade e com uma infraestrutura diferente daqueles existentes na área central. Tendo assim, uma variedade menor de produtos e preços mais elevados, onde os consumidores se deslocam até o centro, ao invés de comprarem naqueles próximos às suas residências.

No centro de Alagoinha os estabelecimentos enquanto fixos são um dos elementos responsáveis pela sua posição de centralidade. A variedade de perfis dos estabelecimentos faz com que diariamente um grande fluxo de pessoas percorram as ruas desta localidade em busca dos serviços prestados pelos mesmos, sendo as outras áreas da cidade dependentes do centro. No momento a área estudada conta com 328 estabelecimentos dos quais 196 são residenciais, 242 comerciais, 4 bancários, 14 prestam serviços públicos e 2 religiosos.

No que se refere aos valores de imóveis e aluguéis dos estabelecimentos, sejam destinados à moradia ou comércio são bem mais caros no centro do que nas áreas periféricas. Isso faz com que os seus donos sejam pessoas que possuem uma melhor condição financeira dentro desta cidade. Já os inquilinos existentes, parte deles são comerciantes que por não terem condições financeiras de ser donos de um estabelecimento nesta área da cidade, lhes restam pagar pelos alugueis fixados pelos proprietários.

No entorno da Praça Durval Barbosa existem vários boxes destinados a atividades comerciais, os quais são alugados por R\$ 250,00. Essa área do centro pertence a uma única pessoa, porém, a partir do momento que os estabelecimentos são alugados para atividades comerciais, passa a gerar lucro, tanto para o proprietário, como também para os inquilinos. Sendo que esses lucros têm perspectivas diferentes: acumulação e sobrevivência (Figura 13, 14 e 15).

Figura 13 - Estabelecimentos comerciais do lado esquerdo da Praça Durval Barbosa, Alagoinha/PB.



Fonte: Da autora (2018).

Figura 14 - Estabelecimentos comerciais do lado direito da Praça Durval Barbosa, Alagoinha/PB.



Fonte: Da autora (2018).

Figura 15 - Estabelecimentos comerciais em frente a Praça Durval Barbosa, Alagoinha/PB.



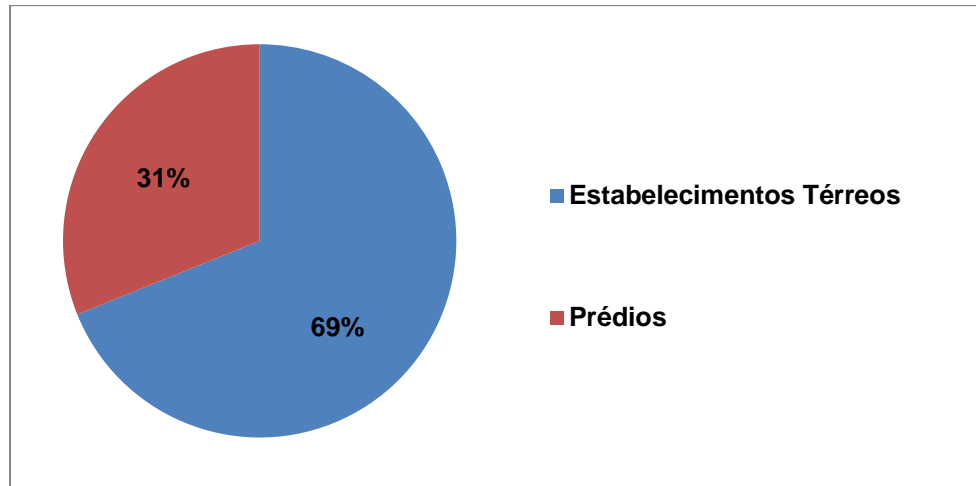
Fonte: Da autora (2018).

Segundo uma entrevistada, moradora de um apartamento, próximo à Praça Geraldo Beltrão, ela paga R\$ 350,00 de aluguel. Os motivos que a levou a residir no centro, na condição de inquilina, ao invés de ir morar em outra área da cidade, podendo encontrar um aluguel bem mais barato, foi o fato de ficar perto de padaria, farmácia, supermercado, papelaria, praças, igreja, lhe dando mais comodidade.

Nas cidades grandes o centro é tomado pelos estabelecimentos do setor terciário, do poder executivo, legislativo e não é visto como localidade de muitas moradias. Já nas cidades pequenas como Alagoinha, o centro ainda concentra grande número de moradias.

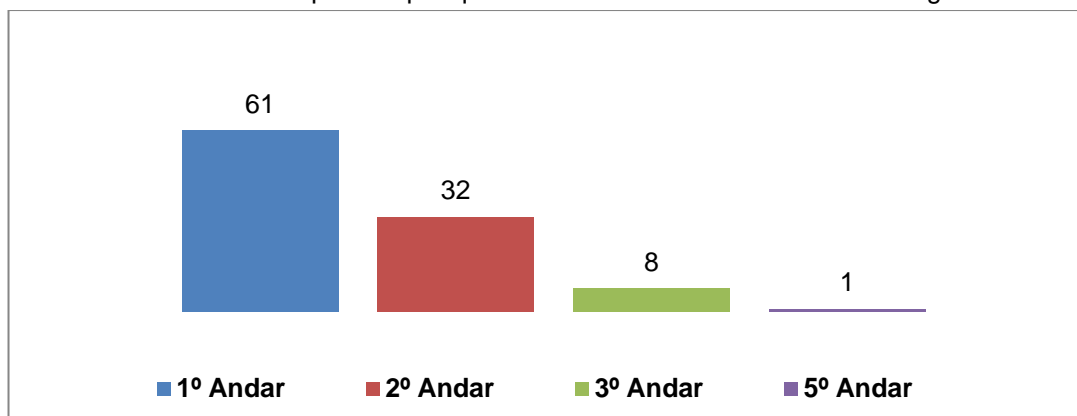
Atualmente a área central de Alagoinha possui 90 imóveis, sendo exclusivamente destinados à moradia, sem que haja outro fim, sendo 76 casas e 14 prédios. Já em relação aos estabelecimentos que além de serem moradias tem a finalidade de acomodar alguma atividade comercial tem 106 sendo 18 casas e 88 prédios. Percebe-se que, ao longo dos últimos 10 anos muitas das moradias foram transformadas em estabelecimentos comerciais ou passaram a ser as duas coisas.

É notório em Alagoinha que o seu centro apresenta um número maior de prédios do que as outras áreas da cidade. A busca constante das pessoas por mais espaço no centro faz com que o mesmo cresça para o alto através dos prédios. Porém, estas áreas da cidade ainda apresentam um número maior de estabelecimentos térreos, no entanto, já existe um número significativo de prédios, pois dos 328 estabelecimentos 31% são prédios e 69% são estabelecimentos térreos (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Os prédios e os estabelecimentos térreos do centro de Alagoinha/PB.

Fonte: Elaborado pela Autora (2020).

A área estudada possui 102 prédios, sendo 61 com um andar, 32 com dois andares; 8 com três andares e 1 com cinco andares. Pode-se ver que os prédios existentes no centro de Alagoinha são pequenos, diferente dos existentes nas grandes cidades que são verdadeiros arranha-céus com vários andares. Quanto mais altos são os prédios de uma cidade mais ela é vista como desenvolvida. Tomando como exemplo a Paraíba é no centro de sua cidade mais desenvolvida (João Pessoa) que são encontrados os maiores prédios do estado (Gráfico 3).

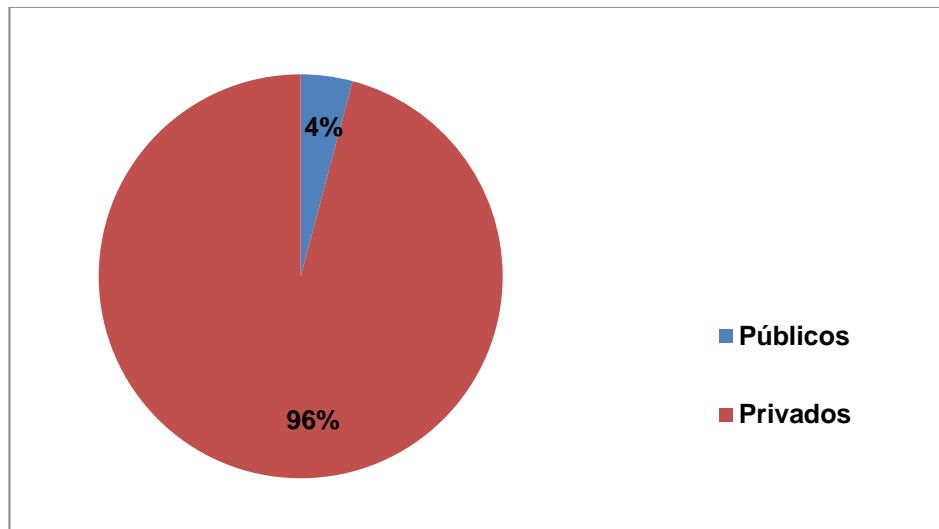
Gráfico 3 - O número de prédios por quantidade de andares no centro de Alagoinha/PB.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Percebe-se que esses prédios com um andar ou mais andares surgiram devido à necessidade de morar no centro e, ao mesmo tempo ter o seu térreo como espaço comercial ou prestador de serviços. Dos 102 existentes apenas 14 são exclusivamente residenciais, enquanto os 88 são residenciais e tem os seus térreos usados para outros fins.

As formas e funções do centro são dadas por estabelecimentos públicos e privados que são conservados e modificados pelos agentes sociais que são os produtores do espaço urbano. Em relação aos estabelecimentos existentes no centro de Alagoinha, percebe-se que há um número maior de estabelecimentos privados do que públicos. Portanto, o poder privado legitimado pelo poder público é o agente que mais modifica este espaço (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Estabelecimentos Públicos e Privados no centro de Alagoinha/PB.



Fonte: Elaborado pela Autora (2020).

Mesmo o centro de Alagoinha tendo mais estabelecimentos privados do que públicos é notório que esta área é o espaço da cidade onde se concentra uma quantidade maior de estabelecimentos públicos. Encontram-se localizados neste espaço a Prefeitura; Câmara; Mercado, Açougue, Biblioteca, Secretaria de Educação, Creche, Centro de Atenção Psicossocial (CAPS I), Casa do Cidadão, Casa do Prefeito(a), Garagem Municipal e a Sede da banda de música Maestro Cidalino Pimenta.

Muitos destes estabelecimentos mencionados fazem parte da administração do município e dão a este espaço a função administrativa. É no centro onde leis e decretos são aprovados, de onde parte as ordens da gestão e onde ocorrem as discussões de melhoria tanto para o espaço urbano como rural.

No decorrer dos últimos 10 anos, o poder público no centro de Alagoinha construiu novos estabelecimentos, fez reformas e deu novas funções a outros. Pode-se ter como exemplo: o antigo prédio da prefeitura que foi derrubado para construção de uma nova instalação inaugurada em 2014; a construção da sede da

banda de música Maestro Cidalino Pimenta inaugurada em 2015; o antigo estabelecimento da Escola Carlos Martins, que após ganhar uma nova instalação no Conjunto Clócio Beltrão em 2014, passou por uma reforma é desde 2016, tornou-se o novo endereço da Secretaria de Educação; Já o antigo estabelecimento da Secretaria de educação que ficava na Rua Capitão Costa após uma reforma passou a ser a Casa do Cidadão em 2018.

Em Alagoinha é no centro onde se concentra todos os estabelecimentos que prestam os serviços bancários a esta cidade: na Rua Mestre Raimundo fica a Casa Lotérica; na Praça Geraldo Beltrão os Supermercados Bom de Preço e Pague Menos prestam os serviços do Bradesco Expresso. Nesses estabelecimentos são realizados saques, depósitos, pagamentos de contas, abertura de contas, empréstimos, consulta de saldos e extratos.

Os correios por muitos anos foi um dos principais estabelecimentos que prestou serviços bancários aos alagoinhenses, estando localizado na Rua Deputado Francisco Antônio que é uma das ruas mais movimentadas desta cidade. Antes de surgir na cidade o Posto de Atendimento do Bradesco e os supermercados Bom de Preço e Pague Menos prestarem os serviços do Bradesco Expresso os Correios era responsável por atender os clientes deste banco. E também foi até 2019 correspondente do Banco do Brasil, no momento a cidade não conta com nem um estabelecimento que preste serviço bancário aos clientes deste banco, com isso os alagoinhenses que precisam dos seus serviços tem que se deslocar até Guarabira que é a cidade mais próxima com uma agência do Banco do Brasil. Hoje os correios não prestam nem um serviço bancário.

O Bradesco e a Casa Lotérica mudaram de endereço, porém, continuam com os seus serviços na área central de Alagoinha. Os novos estabelecimentos, além de terem um espaço mais amplo, proporcionam mais segurança, comodidade, além de um melhor atendimento aos seus clientes, que residem, tanto no perímetro urbano, como rural desse município.

Mesmo com a existência da prestação de serviços do Bradesco e da Caixa Econômica, os alagoinhenses ainda dependem dos serviços prestados pelas agências dos respectivos bancos existentes na cidade de Guarabira, já que em Alagoinha só existem correspondentes e isso faz com que nem tudo possa ser resolvido nesses estabelecimentos. A falta de dinheiro no caixa eletrônico do posto

de atendimento do Bradesco, por exemplo, é um dos motivos que levam os seus clientes irem até à agência de Guarabira.

Os bancos ou estabelecimentos que prestam serviços bancários são típicos de áreas urbanas, que exercem uma centralidade seja um subcentro ou centro principal. Nas cidades pequenas só vão ser encontrados esse tipo de serviço no centro principal, com isso moradores das outras áreas da cidade e da zona rural do município devem se deslocar até o centro para se beneficiar desses serviços.

Nota-se que é comum ser encontrado no centro das cidades estabelecimentos que tem fins religiosos e que se destacam entre os demais por sua beleza arquitetônica. No centro de Alagoinha encontra-se a igreja católica que se apresenta dentro deste espaço como um dos estabelecimentos de destaque, por ser um dos cartões-postais da cidade e por atrair grande número de pessoas para esta área. Os eventos realizados pela igreja católica tanto ocorrem em sua parte interior como exterior onde suas calçadas torna-se altar e a praça Geraldo Beltrão acomoda os seus fiéis.(Figura 16).

Figura 16 - A igreja católica atrai um grande fluxo de pessoas para o centro de Alagoinha/PB.



Fonte: Da Autora (2018).

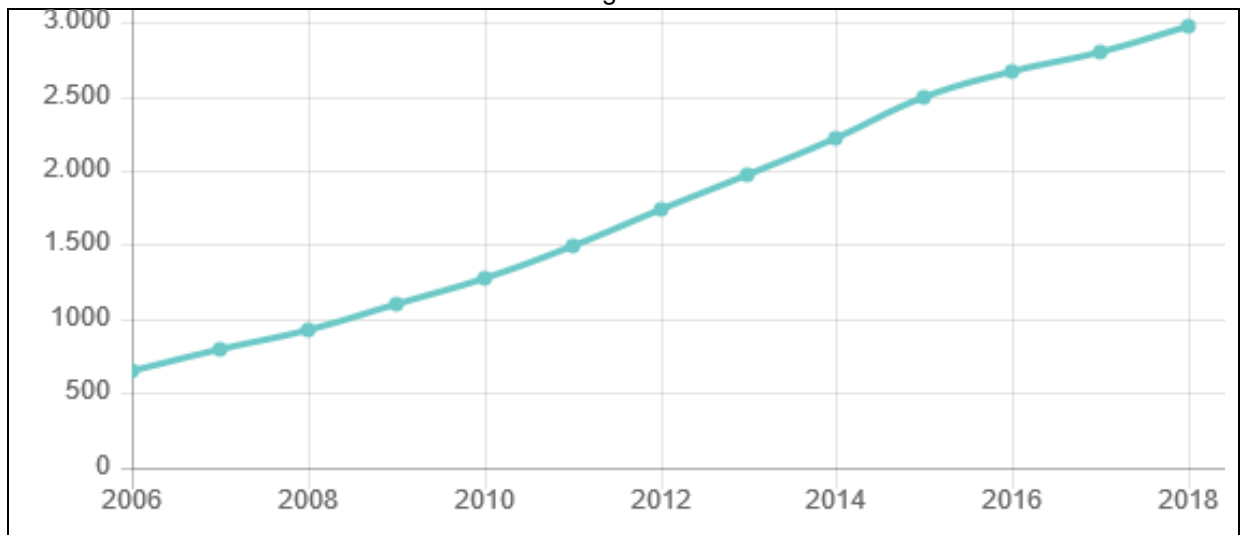
Esse espaço da cidade de Alagoinha é tido como o centro, pois nele ao longo do tempo foram se instalando estabelecimentos que fazem com que essa área hoje tenha função administrativa, bancária, comercial, religiosa e de lazer. Percebe-se que, tanto esse espaço depende desses estabelecimentos para ter uma posição de centralidade, como esses estabelecimentos precisam estar localizados nessa área já que é, nela, onde diuturnamente circula um grande fluxo de pessoas.

4.2 O CENTRO DE ALAGOINHA E OS MEIOS DE TRANSPORTE

A circulação de fluxos como carros, motos, ônibus, caminhões fazem com que as pessoas e as mercadorias cheguem e saiam do centro. Por ser um local de destaque é no centro onde se localiza a maioria dos fixos que dependem exclusivamente da existência desses fluxos para existirem como lava jatos, borracharias e as oficinas. Existem hoje um total de 12 estabelecimentos que prestam serviços para este segmento, sendo 7 oficinas, 3 borracharias, e 2 lava jatos todos localizados em uma área específica do centro, ou seja, as margens da PB-075.

O número desses estabelecimentos vem crescendo, isso se deve ao aumento significativo da frota de veículos no município nos últimos anos e também da busca da população por novos meios de trabalho para se sustentar, já que a geração de empregos formais no município é algo bem limitado e pouco diversificado (Gráfico 5).

Gráfico 5 - O aumento da frota de veículos de Alagoinha/PB entre 2006 e 2018.



Fonte: IBGE (2020).

Com base nos dados do IBGE (2020), em 2009, Alagoinha tinha uma frota com 1100 veículos e em 2018 passou a ser 2978 veículos, tendo assim, ocorrido nesse intervalo de nove anos um aumento de 1878 veículos. Existindo em 2018 no município um total de 935 automóveis, 46 caminhões, 14 caminhões tratores, 145 caminhonetes, 38 camionetas, 39 ciclomotores, 20 micro-ônibus, 43 ônibus, 1526

motocicletas, 131 motonetas, 15 reboques, 17 semirreboques, 1 triciclos e 8 utilitários.

Como se trata de uma cidade pequena a maioria das pessoas de outras áreas da cidade se deslocam até o centro a pé, outros usam meios de transporte como carros e motocicletas. Em relação a esta locomoção das pessoas dentro do espaço urbano de Alagoinha o serviço de transporte mais usado é o dos mototaxistas, existem três praças de mototaxistas todas no centro da cidade. Além das viagens feitas do centro para outras áreas da cidade eles também transportam passageiros para a zona rural do município.

Os moradores da zona rural para ir até o centro da cidade utilizam: transportes próprios como motocicletas e carros; os ônibus escolares; os ônibus das empresas Rio Tinto e São José; os serviços prestados pelos mototaxistas e taxistas; e os 6 ônibus que circulam exclusivamente aos sábados devido a feira livre. Esses ônibus trazem os moradores dos sítios Catolé, Jenipapo, Mumbuca, Barro de Fátima, Lagoa de Sapo, Mata Escura, do Assentamento Senhor do Bom Fim, do Distrito de Jacaré (Alagoinha) e do Distrito de Gravatá (Mulungu).

O dia da semana que o trânsito do centro fica mais lento é o sábado, no horário da manhã por causa da feira livre. Isso deve-se ao fato de algumas ruas serem interditadas. Com isso, o centro recebe grande número de veículos, tanto de Alagoinha como de outros municípios.

As praças de taxistas existentes na cidade são mais votadas para o transporte dos alagoinhenses para as cidades circunvizinhas, tendo como destaque a cidade de Guarabira/PB. Assim como as praças de mototaxista as praças de taxistas também estão localizadas no centro. Todas próximas a rodovia PB-075 que liga Guarabira a Alagoa Grande.

Atualmente existem 74 taxistas sendo 46 da praça 1 e 28 da praça 2. A maioria dos taxistas tem a praça como única fonte de renda, uma pequena minoria é aposentado ou tem outra fonte de renda. Nos últimos 10 anos segundo os taxistas o número de viagens feitas para Guarabira diminuiu isso se deve a alguns fatores como: aumento do número de taxistas; desenvolvimento do comércio local; surgimento de alguns serviços que antes só podiam ser encontrados em Guarabira como os referentes a banco e saúde.

A cidade de Guarabira que fica a 12 km de Alagoinha, todos os dias recebe grande número dos Alagoinhenses que vão até ela devido ao seu comércio e em

busca de serviços bancários, educacionais e de saúde. Para se deslocarem entre as duas cidades as pessoas usam os serviços de transporte ofertados: pelas empresas de ônibus Rio Tinto e São José que passam pela PB-075; pela garagem municipal que fica na Rua Mestre Raimundo; por taxistas das praças 1 e 2 que ficam as margens da PB-075. O fato dos pontos de embarque e desembarque desses passageiros ser no centro, faz com que este seja mais um fator que contribui para uma maior circulação de pessoas e de veículos nesta área da cidade.

O fato dos pontos de embarque e desembarque desses passageiros ser no centro, faz com que este seja mais um fator que contribui para uma maior circulação de pessoas e de veículos nesta área da cidade. O fluxo de pessoas que saem diariamente desse município para Guarabira, também gera renda para os alagoinhenses, já que para se deslocarem, as pessoas que não possuem carro próprio necessitam dos serviços prestados pelos taxistas.

O trecho do centro de Alagoinha onde se apresenta um fluxo maior de veículos é a parte da PB-075, por onde passam diariamente um número significativo de veículos provenientes não só do próprio município, mas também de outros municípios como Mulungu/PB e Alagoa Grande/PB que tem como principal destino a cidade de Guarabira/PB que é uma cidade polarizadora. E também devido ao fato dessa rodovia estadual dá acesso a BR-230.

O aumento dos meios de transporte no município, além de contribuir para o surgimento de lava jatos, borracharias, oficinas e gerar empregos informais trouxe um maior movimento no trânsito do centro da cidade. Centro este que tem seu trânsito visto pela população como algo calmo, diferente do que é visto em cidades maiores como São Paulo e Rio de Janeiro. Isso se deve ao fato de ser uma cidade pequena, mas mesmo sendo visto como calmo, não quer dizer que não existam problemas.

Segundo um taxista e um comerciante que têm um estabelecimento no entorno da Praça Geraldo Beltrão, um dos problemas existentes no trânsito da cidade supracitada, refere-se à questão dos caminhões que fazem entregas de mercadorias nos supermercados. Por passarem um grande tempo na frente destes, acabam atrapalhando o fluxo do trânsito. De acordo com o taxista, a prefeitura deveria adotar uma estratégia que já vem sendo usada em outras cidades para resolver esse tipo de problema, que é determinar um horário de entrega e um local

adequado para esses caminhões estacionarem e descarregarem as mercadorias, de uma forma em que o trânsito não seja tão prejudicado.

A falta de faixas de pedestres no centro de Alagoinha é um problema que a população já reivindicou e o poder público atendeu a este pedido. Segundo uma vereadora a mesma teve um requerimento de sua autoria protocolado na câmara, o mesmo, pedia que fosse feito faixas de pedestres. Ainda não foi posto em prática, mas em breve será. Segundo a mesma este requerimento surgiu do pedido da população e ela enquanto representante do povo levou a ideia até a câmara para que fosse discutida com os demais parlamentares. Aqui vemos o quanto é importante à participação da população juntamente com o poder público no decorrer de uma gestão para que o espaço urbano possa a cada dia ter uma melhor funcionalidade para todos os munícipes.

Um elemento da infraestrutura urbana que contribuiu para uma melhor circulação dos meios de transporte é a pavimentação. Hoje todo o centro de Alagoinha tem pavimentação, sendo que, boa parte é feita com granito e uma pequena parte com asfalto que é justamente a parte da PB-075. Um comerciante mencionou que o poder público deveria trocar a pavimentação granítica pela pavimentação asfáltica, alegando que isso traria benefícios para o trânsito e para o comércio.

Com o surgimento dos veículos, os pedestres passaram a ter espaços próprios para andarem nas cidades e momentos certos para circularem no mesmo espaço que os veículos. As faixas de pedestres, por exemplo, determinam que naquele espaço passem veículos e também pedestres, porém, em momentos distintos. Já as calçadas são reservadas exclusivamente para os pedestres.

As calçadas dos centros das cidades são bem movimentadas e nelas circulam pessoas de diferentes idades e condição física, portanto, estas vias devem permitir que os pedestres transitem sem dificuldades. Ao ser perguntado sobre os problemas existentes no centro da cidade de Alagoinha um dos frequentadores deste espaço mencionou que, *“o centro não tem calçadas em um só nível, onde todas as pessoas possam caminhar sem qualquer tipo de dificuldade”*.

Também pode ser observado que, em algumas partes as calçadas são estreitas, apresentando menos de meio metro e em outras partes deveria existir calçada e não têm. Todos esses fatores mostram que o centro de Alagoinha não tem calçadas que facilitam a circulação de todos os pedestres.

Está realidade do centro de Alagoinha mostra que até nas cidades pequenas podem ser encontrados problemas no trânsito, porém são em uma proporção bem menor do que nas cidades grandes. Sem falar que para montar um planejamento que busque sanar tais problemas é bem mais fácil. Por meio do relato dos entrevistados pode ser visto o quanto é importante a opinião da população para que as ações de uma gestão sejam direcionadas para transformar o espaço urbano de um centro em algo mais agradável para todos.

Pode-se concluir que o aumento do fluxo de transportes está gradativamente modificando a infraestrutura, a dinâmica e as questões socioeconômicas do centro de Alagoinha. Os veículos ao facilitarem a locomoção permitem que um número maior de pessoas frequente o centro em todos os dias da semana e que mercadorias de diferentes partes do país cheguem a este espaço.

4.3 O CENTRO DE ALAGOINHA E OS SEUS PROBLEMAS RELACIONADOS À ÁGUA

Em Alagoinha no período das chuvas, o centro é atingido pelos alagamentos causados pelas águas pluviais. Já na época da estiagem este é afetado pela falta de água nas torneiras que impacta não só esta área, mas todo espaço urbano de Alagoinha. Ambos os problemas fazem parte da dinâmica de muitas cidades brasileiras, visto que todos os anos os telejornais divulgam matérias com essas temáticas e pode ser visto que estes problemas afetam tanto o centro como as periferias das cidades.

Neste cenário, os alagamentos no centro de Alagoinha devem-se ao fato de não existir uma infraestrutura urbana que permita o escoamento da água da chuva de forma rápida. No entanto, outros fatores também contribuem como: a população jogar lixo em locais impróprios, que faz com que os bueiros fiquem entupidos, e a forma do relevo, já que o centro fica em uma área baixa e as águas das chuvas ao entrarem em contato com o solo, impermeável ou não, das áreas mais altas, escorrem para essa parte da cidade. Portanto, com alguns minutos de chuva forte, o centro de Alagoinha fica repleto de água, tornando-se por alguns minutos ou horas, em uma verdadeira lagoa. Esse grande fluxo de água invade estabelecimentos comerciais e moradias, causando prejuízos aos comerciantes e moradores.

Os alagamentos provocados pelas águas das chuvas não são algo recente, segundo Cruz (2017), na década de 70 este problema já assolava este espaço. Após 2009 os maiores alagamentos ocorreram no dia 14 de janeiro de 2016 e em 18 de fevereiro de 2019. Em ambos os anos os alagamentos ocorreram devido a fortes chuvas de verão que duraram menos de uma hora (Figuras 17 e 18).

Figura 17 - Alagamento no centro de Alagoíinha em 2016.



Fonte: Blog do Cristiano Alves (2016).

Figura 18 - Alagamento no centro de Alagoíinha em 2019.



Fonte: Blog do Cristiano Alves (2019).

O alagamento de 14 de janeiro de 2016 foi diferente dos demais, pois juntamente com a água acumulou-se neste espaço uma grande quantidade de solo. A água escoou de forma ainda mais lenta, uma vez que os bueiros foram entupidos por solo, que foi arrastado de uma parte mais alta do relevo. A imagem que se tinha naquele momento era de um espaço repleto de lama, não se via mais o cinza do calçamento, visto que sobre ele ficará uma extensa camada de solo que para ser retirado, em algumas partes, foi necessário o uso de retroescavadeira (Figura 19 e 20).

Figura 19 - Ruas do centro de Alagoíinha/PB cobertas por lama após o alagamento de 2016.



Fonte: TV Mídia. Adaptada pela autora (2020).

Figura 20 - Retroescavadeira fazendo limpeza das ruas do centro de Alagoíinha/PB após o alagamento de 2016.



Fonte: TV Mídia. Adaptada pela autora (2020).

Os 40 minutos de chuva que levou essa grande quantidade de água e solo ao centro da cidade, fizeram com que estabelecimentos comerciais e moradias fossem inundados de forma rápida. Com isso moradores e comerciantes não tiveram tempo para salvar os seus pertences. Portanto, mercadorias, eletrodomésticos, móveis entre outras coisas, ao serem encharcados, não serviram mais para uso ou comercialização, causando assim grandes prejuízos materiais. O filho do dono de uma loja de calçados em uma entrevista à TV Mídia (2016), falou que o seu pai teve um prejuízo de mais de R\$ 100.000 (Figuras 21 e 22).

Figura 21 – Prejuízos causados a uma loja de calçados devido o alagamento de 2016, Alagoíinha/PB.



Fonte: TV Mídia. Adaptada pela autora (2020).

Figura 22 - Residência atingida pelo alagamento de 2016, Alagoíinha/PB.



Fonte: Blog do Cristiano Alves (2016).

Todo este solo foi arrastado de um loteamento pelas águas pluviais. O mesmo está localizado em uma área que tem uma certa declividade, próximo ao cemitério da cidade. Na época, o loteamento ainda estava sendo construído. O terreno antes tido como espaço rural, estava começando a ser modificado para tornar-se em espaço urbano. A vegetação que cobria o solo desta encosta, já não existia mais e as formas do relevo aos poucos estavam sendo alteradas. Isso se deu, porque as obras de preparação do terreno para poder começar a construção das residências tinham iniciado, retirando a vegetação, bem como já haviam sido feitas algumas escavações na área para planear o terreno. Com isso, parte do solo encontrava-se solto, e o que não estava, encontrava-se exposto favorecendo assim para um processo erosivo mais agressivo.

Em entrevista foi perguntado a uma moradora do centro se antes de 2016 o fluxo de água no centro em momentos de chuva forte acumulava-se na mesma proporção de hoje, segundo a mesma não, foi só após a construção deste

loteamento que ocorreu um aumento significativo das águas neste espaço. Diante deste acontecimento percebe-se que ao ser criando um novo espaço urbano deve-se haver um planejamento que leve em consideração os fatores socioambientais para que problemas como este não venham acontecer.

A prefeitura, após este acontecimento fez a limpeza urbana retirando todos os sedimentos das ruas atingidas, da Praça Geraldo Beltrão e do pátio do mercado; os bueiros foram desobstruídos já que neles encontrava-se uma significativa quantidade de solo; para que as águas pluviais deixassem de entrar pela parte de trás das casas foi feito uma obra de saneamento básico onde o esgoto e as águas da chuva deixaram de escoar a céu aberto por uma valeta; e para evitar que as inundações viessem ocorrer novamente foi realizado uma obra de ampliação das galerias, sendo feito um bueiro atravessando a PB-075 para ajudar na escoação das águas pluviais.

Percebe-se que as medidas tomadas pelo poder público, após o alagamento de 2016 não foram suficientes para resolver o problema, visto que outro alagamento ocorreu com a mesma proporção em 18 de fevereiro de 2019. Os alagoenhenses viram mais uma vez as águas da chuva invadirem rapidamente o espaço do centro e escoarem de forma bem lenta, ocasionando um grande volume de água nas ruas e nos estabelecimentos e acarretando novamente prejuízos matérias aos comerciantes e moradores, assim como em 2016. Segundo a população esse alagamento foi o maior dos últimos 15 anos. Portanto, o volume de água foi bem maior do que o de 2016, porém a quantidade de solo deixada nas ruas após as águas escoarem foi bem menor.

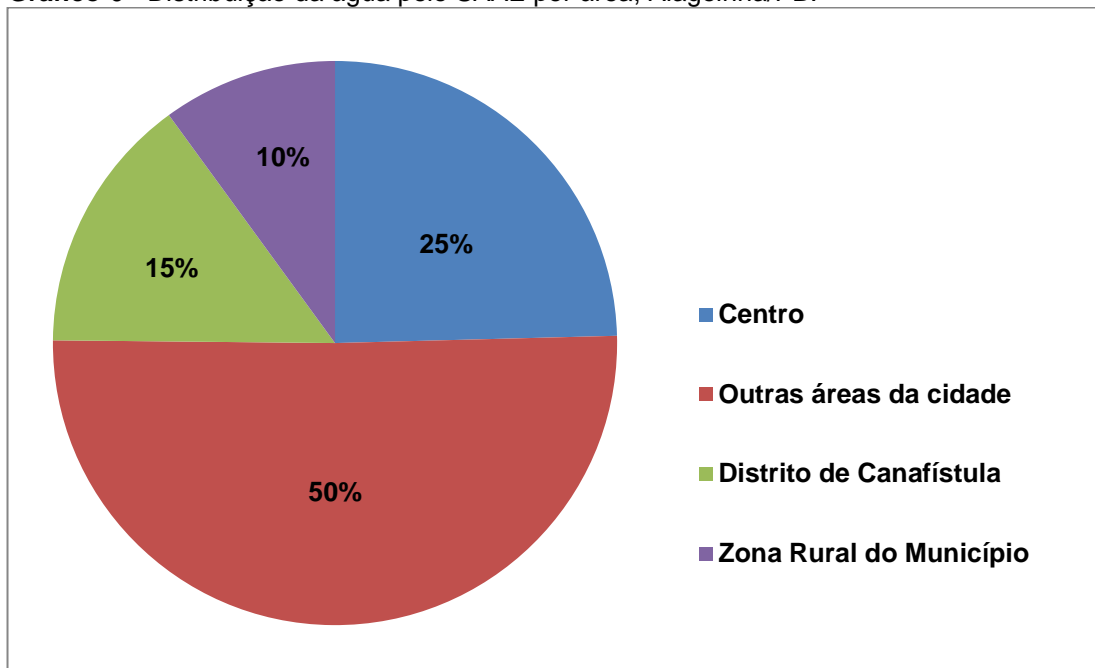
No momento, os alagamentos nesta área da cidade são vistos pela população como o principal problema do centro. Foi possível chegar a esta conclusão, pois todos os entrevistados ao serem questionados sobre os principais problemas existentes no centro mencionaram o alagamento. Apesar do centro está crescendo economicamente, este problema que vem passando de gestão para gestão, sem que ocorra uma intervenção do poder público capaz de extingui-lo. Desse modo, este problema ainda pode gerar grandes transtornos aos comerciantes e a população. Nesta perspectiva, Alagoinha precisa de um planejamento urbano que possa vir a solucionar este problema.

Outro problema mencionado pela população é a questão do abastecimento de água no município. De acordo com Andrade Filho (2004), a obra do reservatório que

abastece Alagoinha foi realizada pela Fundação SESP (Fundação Serviço Especial de Saúde Pública) e inaugurada em 1967. Com o grande aumento do número de estabelecimentos atendidos por este reservatório nesses 55 anos após a sua inauguração, faz com que este reservatório na atualidade não supra mais a demanda hídrica que o município necessita.

O SAAE (Serviço Autônomo de Água e Esgoto) é o órgão municipal responsável pelo tratamento e a distribuição dessas águas para todo o perímetro urbano do município, parte da zona rural e para o distrito de Canafístula de Alagoa Grande/PB que fica a 5,1 km (PB-075) da cidade de Alagoinha. Segundo o diretor do SAAE, no momento são abastecidos 5478 domicílios (Gráfico 6):

Gráfico 6 - Distribuição da água pelo SAAE por área, Alagoinha/PB.



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Sabe-se que no momento as águas acumuladas neste reservatório, não são suficientes para abastecer Alagoinha durante todo o ano, sem que haja racionamento. Porém, ainda assim, o distrito de Canafístula, que pertence a outro município, também é abastecido pelas águas desse reservatório que abastece Alagoinha. Segundo funcionário do SAAE, isso ocorre apenas pelo fato deste distrito ser situado nas proximidades limítrofes com Alagoinha e conseqüentemente por não ser abastecida pela CAGEPA (Companhia de Água e Esgotos da Paraíba) que é o órgão responsável por abastecer o município ao qual pertence.

A cada ano o problema do abastecimento se agrava, já que a cidade vem crescendo bastante de forma horizontal. De acordo com o SAAE, em 2013 existiam em todo o município e no Distrito de Canafístula um total de 3519 domicílios abastecidos por água potável, hoje já são 5478, tendo assim um aumento de 1959. O diretor dessa instituição em entrevista falou que:

“O número de estabelecimentos abastecidos por água potável fornecida pelo SAAE no perímetro urbano, aumentou bastante nos últimos 7 anos, devido a construção de muitas unidades habitacionais nos loteamentos, porém no centro aumentou pouquíssimo.”

Nesses últimos 7 anos, entre os meses de outubro e janeiro que corresponde ao período de estiagem, os alagoinhenses vivenciam um período de racionamento de água. Nesses meses ocorrem algumas mudanças na rotina das pessoas, já que não é possível ter água nas torneiras todos os dias e quando tem é por algumas horas. Com isso, a população passa a armazenar a água que chega nas torneiras em baldes, cisternas e caixas d'água, passando inclusive a pegar também as águas salobras dos poços artesianos existentes na cidade para o uso doméstico.

O espaço urbano de Alagoinha, no período de racionamento, ganha um grande fluxo de pessoas circulando nas ruas durante o dia e a noite com baldes na cabeça ou em carros de mão. Nas caixas d'água que recebem água dos poços, formam-se filas para que as pessoas possam encher os seus baldes. Já no comércio é possível ver os reflexos do racionamento, uma vez que nas lojas e na feira livre há uma grande quantidade de baldes expostos para venda, visto que nesse período é um produto bastante consumido pela população.

Segundo relato de uma moradora do centro, na época do racionamento as pessoas desta área da cidade colocam torneiras em seus registros, já que não chega água no interior das residências. Neste cenário, a população também passa a utilizar as águas salobras do poço artesiano localizado na Rua Mestre Raimundo, mais especificamente na garagem municipal, visto que a água do mesmo é encanada para as praças Geraldo Beltrão e Alfredo Moura, nas mesmas existe uma torneira onde as pessoas pegam água no período de estiagem.

De acordo com as informações coletadas em campo, as medidas tomadas pelo poder público nos últimos 10 anos, para minimizar o impacto causado pela falta

de um reservatório que supra a necessidade hídrica do município de Alagoinha, foram as seguintes:

- Criação de um plano de racionamento para os meses de estiagem. Nesse período o SAAE divide a cidade em 2 setores (A e B) - as ruas do centro fazem parte do setor A – Através de um cronograma ocorre um revezamento que estabelece os dias que terá água em cada setor.
- Perfuração de poços em áreas diferentes da cidade e na Zona Rural que ajuda no abastecimento de água nos períodos de estiagem.
- Instalação de caixa d'água no perímetro urbano e rural, que são abastecidas com água salobra dos poços ou doce da estação de tratamento, permitindo assim, que todos possam, mesmo de uma forma mais limitada, ter acesso à água potável no período de racionamento.
- Utilização de carros-pipas no período de estiagem para fornecer água para zona rural. Os mesmos são abastecidos na barragem do Tauá que pertence ao município de Cuitegi/PB.
- Construções de cisternas na Zona Rural que captam água das chuvas e no período de estiagem, ao secarem, são abastecidas por carro-pipa da prefeitura municipal.
- Construção da terceira adutora de captação de água, que teve o início das obras em 2013 com recursos da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) para captar água do Rio Tauá.
- Realização de limpeza do reservatório que abastece o município pela equipe do SAAE em 2014, para proporcionar um acúmulo maior de água.

Outra ação teve início em 21 de janeiro de 2020 com o início da construção da quarta adutora. A atual gestão da cidade alega que com a construção dessa quarta adutora, que captará água da Barragem do Tauá diretamente para a estação de tratamento do município, será resolvido o problema da falta de água no período de estiagem. Os recursos dessa obra foram adquiridos através de um convênio entre o município e a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). Segundo o diretor do SAAE:

“- Esse projeto era um sonho que está se tornando realidade. São 803 00 metros de adutora que vai trazer cerca de 20 litros de água por segundo (72.000 litros de água por hora) melhorando e muito a vida dos alagoinhenses. Com essa vazão permanente, junto com o que já temos podemos sim, dá uma assistência maior a população.”

Muitos alagoinhenses não acreditam que esta adutora será a solução para esta crise hídrica que vem sendo vivenciada neste espaço urbano há anos, alegando que só a construção de uma barragem resolveria todos os transtornos ocasionados no decorrer dos últimos anos com os racionamentos de água. Segundo um dos entrevistados:

[...] A implantação de uma nova adutora, além de não resolver o problema na cidade, vai encarecer seu valor. Tendo em vista que as promessas de uma nova adutora é para trazer água de um outro reservatório da cidade vizinha e essa água será comprada e o valor repassado para o consumidor. Portanto, temos essa problemática: não resolve e ainda vai encarecer.

A cidade está crescendo e pode-se ver que junto a ela os problemas relacionados a água vão ganhando a cada dia proporções maiores, uma vez que vem afetando diretamente a vida da população, seja no período chuvoso com os alagamentos no centro ou na época de estiagem com o racionamento de água. Percebe-se que tudo que já foi feito até o momento pelo poder público, não foi suficiente para resolver estes problemas. Novas medidas devem ser tomadas, porém de forma planejada, para que se tenha resultados positivos.

4.4 O CENTRO DE ALAGOINHA ENQUANTO ESPAÇO DE LAZER

Em Alagoinha, o centro é o espaço da cidade onde se concentra um número maior de elementos que permitem que às pessoas que o frequenta, sejam elas alagoinhenses ou não, possam desfrutar os seus momentos de lazer de uma forma mais descontraída. Neste sentido, tanto o poder público como o privado, ao longo dos anos, contribuíram na infraestrutura do centro para que dentre as suas funções estivesse a de promover o lazer, seja ele de forma pública por meio das praças e do parque de eventos ou privada através dos bares, lanchonetes, restaurantes, pizzarias, açáideiras etc. A forma como cada indivíduo pode ter o centro como espaço de lazer vai depender da sua condição financeira e dos seus gostos.

O poder público em Alagoinha, enquanto modificador do centro, tornou em 2016 um espaço sem edificação, localizado as margens das PB-063 e PB-075, em um Parque de Eventos nomeado de Petrônio Albuquerque. Nele são realizadas as tradicionais festas de Natal, São João e outros eventos de grande porte. Antes da existência deste parque, o pátio do mercado foi o local dos maiores eventos da cidade até dezembro 2009 e posteriormente a rua Governador José Américo de 2010 até junho de 2016 (Figuras 23, 24 e 25).

Figura 23 - Festa de Natal no pátio do mercado em 2009, Alagoinha/PB.



Fonte: Blog do Cristiano Alves (2009).

Figura 24 - Festa de Natal na Rua Governador José Américo em 2015, Alagoinha/PB.



Fonte: Blog do Cristiano Alves (2015).

Figura 25 - Festa de Natal no Parque de Eventos Petrônio Albuquerque em 2016, Alagoinha/PB.



Fonte: Blog do Cristiano Alves (2016).

A mudança dos grandes eventos do pátio do mercado para rua Governador José Américo e por último para o Parque de Eventos Petrônio Albuquerque, ampliou

os meios de reprodução do capital. Percebe-se, por exemplo, que as tradicionais festas de Natal e São João que foram realizadas nestes espaços públicos, além de promoverem o lazer de forma gratuita também contribuíram para a economia do município. Isso se deu porque as pessoas que os frequentaram consumiram antes e durante esses eventos, isto é, foram as lojas da cidade para comprar roupas, calçados, cosméticos e aos salões de beleza e durante os eventos consumiram bebidas, lanches e serviços de estacionamentos.

Todos os anos as tradicionais festas de São João e Natal além dos shows públicos, trazem para o centro um parque de diversão itinerante com vários brinquedos tais como: roda-gigante, piscina de bolinha, pula-pula, carrossel, carrinho de bate-bate, barca e samba, onde as crianças e os jovens se divertem de forma privada. Portanto, o parque é mais uma opção de lazer que faz com que, nos meses de junho e dezembro, o centro receba um fluxo maior de pessoas.

Em Alagoinha existem 9 praças, 6 delas estão localizadas na área estudada que são Geraldo Beltrão, Alfredo Moura, Lia Beltrão, Frei Damião, Banda Cidalino Pimenta e Durval Barbosa das quais as mais movimentadas são a Praça Geraldo Beltrão e a Durval Barbosa. Essas praças apresentam-se para a população como um espaço de lazer gratuito, sendo apreciadas por crianças, jovens e idosos, sejam eles moradores ou não do centro. Neste contexto, as crianças nelas brincam, correm livremente e andam de bicicletas, os jovens as têm como local de encontro com os amigos e para fazer novas amizades e os idosos conversam com os amigos e jogam dominó no final da tarde (Figuras 26, 27, 28, 29, 30 e 31):

Figura 26 - Praça Geraldo Beltrão, Alagoinha/PB.



Fonte: Da autora (2020).

Figura 27 – Praça Alfredo Moura, Alagoinha/PB.



Fonte: Da autora (2020).

Figura 28 – Praça Lia Beltrão, Alagoinha/PB.



Fonte: Da autora (2020).

Figura 29 - Praça Frei Damião, Alagoinha/PB.



Fonte: Da autora (2020).

Figura 30 - Praça Banda Cidalino Pimenta, Alagoinha/PB.



Fonte: Da autora (2020).

Figura 31 – Praça Durval Barbosa, Alagoinha/PB.



Fonte: Da autora (2020).

A Praça Lia Beltrão, por exemplo, também é usada nos três turnos por alunos como ponto de espera dos ônibus escolares que vão para zona rural do município, para Guarabira, Alagoa Grande e Campina Grande. Uns já assistiram suas aulas e estão ali na espera para retornarem aos seus lares outros para ir assistir aulas em outros municípios seja no ensino superior, médio técnico ou cursinhos. Mesmo não sendo um momento de lazer para esses alunos a praça contribui para que os momentos de espera sejam vivenciados de forma mais confortável e descontraída, já que existem locais para sentar e conversar com amigos, ler algo, revisar aquele assunto da prova ou seminário.

Ao longo dos últimos 10 anos, novas praças surgiram como é o exemplo das praças Banda Cidalino Pimenta em 2015 e a Durval Barbosa em 2018, ambas as margens da PB 00-75. A construção da Praça Durval Barbosa teve um diferencial em relação as demais, já que a mesma foi construída pelo capital privado, ou seja, por um empresário da cidade em um terreno público. Algo que também contribuiu

para mudanças na infraestrutura do centro da cidade, foi a reconstrução das praças Alfredo Moura e Geraldo Beltrão em 2009, que passaram a ter mais espaço e ganharam uma estrutura mais moderna.

A Praça Alfredo Moura conhecida pela população como praça da biblioteca, que antes da reconstrução tinha canteiros maiores com grandes jambeiros e outras plantas. Após a reconstrução a praça ganhou outra infraestrutura com 6 bancos em madeira e ferro, canteiros menores e mais baixos, decorados com mosaico de cerâmica, onde foram plantadas gramas, palmeiras e outras plantas.

Em dias comuns quando não está ocorrendo nenhum evento nesta praça, a mesma apresenta-se como um local calmo que nos fins de tarde pais e mães passeiam com os seus bebês em carrinhos, ensinam seus filhos a andar ou ficam sentados observando as crianças se divertirem, seja por meio de um jogo de futebol em um campo improvisado, correndo ou andando de bicicleta.

O Projeto “Circuito Cultura na Praça” realizado pela Prefeitura Municipal em 2017, levou para este espaço grande número de pessoas, que se divertiram através da cultura. No mês de fevereiro foi realizado um sarau, em que ocorreram apresentações de teatro, música, dança e poesia. Em março teve uma apresentação da banda Cidalino Pimenta e do clube do choro de Arei. Em junho ocorreu apresentações de quadrilhas juninas e artistas locais cantaram forró pé de serra. Já em agosto aconteceu um festival de viola (Figura 32, 33 e 34).

Figura 32 - Projeto Circuito Cultura na Praça no mês de fevereiro de 2017.



Fonte: Blog do Cristiano Alves (2017).

Figura 33 - Projeto Circuito Cultura na Praça no mês de março de 2017.



Fonte: Blog do Cristiano Alves (2017).

Figura 34 - Projeto Circuito Cultura na Praça no mês de agosto de 2017.



Fonte: Blog do Cristiano Alves (2017).

Em 2017, 2018 e 2019 a Praça Alfredo Moura e Geraldo Beltrão foram utilizadas para a realização de alguns eventos da rota cultural Raízes do Brejo que deixaram o centro ainda mais movimentado. Nessas praças ocorreram apresentações de teatro, lapinha, circuito de capoeira, sarau literário, show com banda de forró, ciranda, apresentação de repentistas e da Banda Cidalino Pimenta. Nesses eventos, a cultura tomou conta dessas praças para que nelas turistas e a população local vivenciassem momentos de lazer diferentes dos que estes espaços costumam proporcionar diuturnamente.

A Praça Geraldo Beltrão após a sua reconstrução passou a ter uma fonte, canteiros mais baixos com palmeira, grama e outras plantas que deram mais visibilidade a igreja católica. Esta também passou a ter mais espaços vazios que possibilita a realização de missas ao ar livre, shows religiosos e de eventos como os da rota cultural Raízes do Brejo citado anteriormente.

Mesmo com todos os benefícios e a beleza arquitetônica trazida por esta reconstrução, alguns entrevistados apontaram duas críticas a mesma. A primeira se refere ao fato de não existir mais neste espaço árvores grandes como antigamente, que tornavam essa praça mais ventilada e com sombras durante os momentos de sol. E a segunda foi por ter sido derrubado o obelisco - conhecidos pelos alagoinhenses como Pirulito - que era um monumento histórico, cujo qual foi substituído por uma fonte, que permaneceu neste espaço até 2019 quando foi derrubada pelo poder público. Esta ação também não foi aprovada por todos alagoinhenses (Figura 35, 36 e 37).

Figura 35 - Praça Geraldo Beltrão antes da reconstrução de 2009, Alagoinha/PB.



Fonte: Blog do Cristiano Alves (2013).

Figura 36 - Praça Geraldo Beltrão após reconstrução de 2009, Alagoinha/PB.



Fonte: Blog do Cristiano Alves (2010).

Figura 37 - Praça Geraldo Beltrão após demolição da fonte em 2019, Alagoinha/PB.



Fonte: Da autora (2020).

Até 2018 a Praça Geraldo Beltrão era a mais movimentada no turno da noite e durante os fins de semana, porém com o surgimento da Praça Durval Barbosa e de todos estabelecimentos comerciais em seu entorno, houve uma diminuição significativa no fluxo de pessoas neste espaço. Com isso os donos de sorveterias e lanchonetes desta área tiveram uma queda nas vendas. Nos últimos 2 anos, a mesma só apresenta um grande fluxo de pessoas quando está ocorrendo algum evento.

Em 2018, foi Demolido as ruínas do antigo Núcleo de Promoção Humana que teve grande importância no passado, para dá lugar a Praça Durval Barbosa que além de ter dado vida a uma área tida como morta no centro surge como um novo espaço de lazer. Assim, as pessoas que a frequentam vão em busca dos serviços fornecidos pelos estabelecimentos que ficam em seu entorno e das festas que são

realizadas na mesma. A noite quando não está ocorrendo nem um evento no centro, essa praça se apresenta como o espaço que recebe um maior fluxo de pessoas, sendo as noites da sexta-feira, sábado e domingo as mais movimentadas.

Após a inauguração da Praça Durval Barbosa, Alagoinha ganhou mais um espaço que pode ser utilizado para realizações de festas públicas e privadas. Em 2018 e 2019 ocorreram algumas festas nesse espaço como: a da sua inauguração; comemoração alusiva ao dia internacional das mulheres; gravação do 5º CD da banda “Marocas do Forró”, cujo o *show* foi privado; os *shows* das bandas de músicas bregas da tradicional festa de Natal (Figura.38).

Figura 38 - Festa de inauguração da Praça Durval Barbosa, Alagoinha/PB.



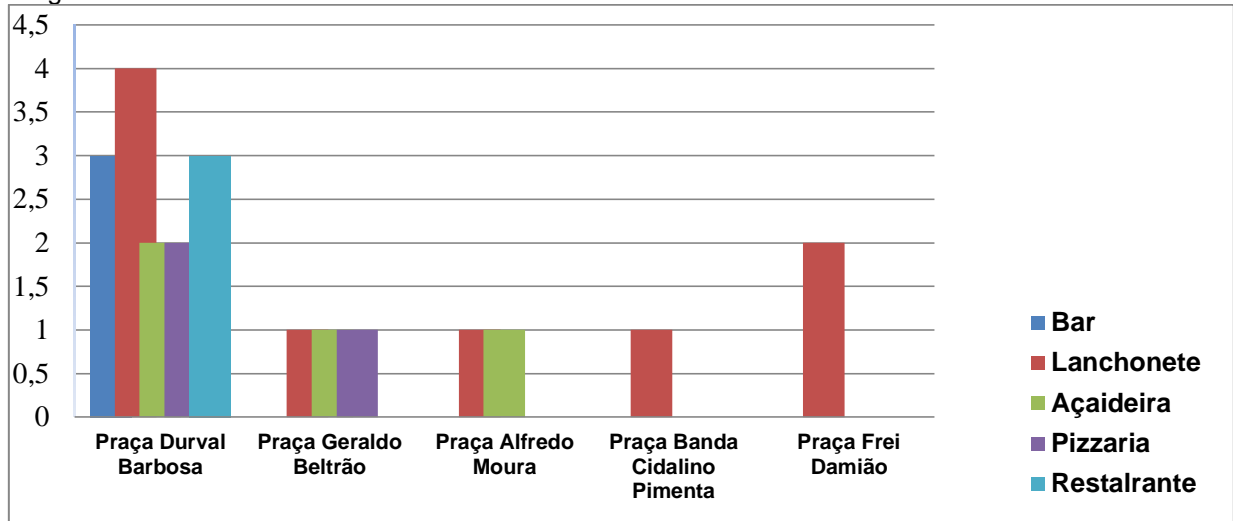
Fonte: Blog do Cristiano Alves (2019).

A partir das colocações apresentadas acima, os eventos que ocorrem nas praças valorizam ainda mais a sua função como espaço de lazer, uma vez que por meio destes é atraído um maior número de pessoas e é proporcionado para as mesmas momentos de descontração diferentes dos que estes espaços oferecem em dias comuns. Neste viés, essas festividades contribuem para o crescimento do comércio local.

Nas cidades o capital enquanto provedor do lazer investe mais no centro do que em áreas periféricas. Em Alagoinha no centro existe um total de 46 estabelecimentos que tem como finalidade o entretenimento, sendo 21 bares, 12 lanchonetes, 6 açaiarias, 6 restaurantes e 1 sorveteria. Que são ilustrados no

gráfico 7 de modo onde se pode ver a quantidade desses respectivos estabelecimentos no entorno de cada uma das praças.

Gráfico 7 - As praças e os estabelecimentos comerciais que contribuem para o lazer no centro de Alagoinha/PB.



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Nota-se por meio deste gráfico que as praças Durval Barbosa, Geraldo Beltrão, Alfredo Moura, Frei Damião e Banda Cidalino Pimenta apresentam em seu entorno estabelecimentos que contribui para o lazer, apenas a Praça Lia Beltrão não apresenta nenhum. Esses estabelecimentos contribuem para tornar as praças ainda mais movimentadas, por isso, que a Praça Durval Barbosa no momento é a que apresenta um fluxo maior de pessoas.

No centro de Alagoinha ainda existe uma necessidade de diversificar as opções de lazer para que seja atendida todas as faixas etárias, classes sociais e gostos. Por meio das observações e entrevistas realizadas, pôde-se chegar algumas sugestões de melhorias que o poder público poderia fazer em sua infraestrutura como - criar um espaço recreativo para as crianças, onde haja alguns brinquedos instalados, que poderia ser feito em alguma das praças já existentes ou construir um parquinho; instalar mais academias de saúde ao ar livre, visto que segundo um dos moradores do centro entrevistado a que existe na cidade fica distante, deixando de atender principalmente os idosos e pessoas que estão chegando a terceira idade e necessitam exercita-se; tornar as praças mais arborizadas com árvores grandes que possam diminuir a sensação térmica e fazer sombra durante o dia; construir espaços que promovam a cultura como teatro e museu; implantar ciclovias para que os

ciclistas tenham um local seguro para trafegar; construir um calçadão nas margens da PB-075, para ser usado como local de caminhada, já que um número significativo de pessoas tem o hábito de caminhar no local.

Percebe-se que no centro de Alagoinha, o capitalismo também se apropria do lazer para continuar se reproduzindo. A infraestrutura deste espaço possibilita que a sua população vivencie momentos de lazer, não apenas durante a realização de eventos como as tradicionais festas de Natal e São João, mas também durante todo o ano. Isso se deve ao fato de existir nesse espaço elementos que diuturnamente podem ser usados para este fim, tais como as praças, bares, lanchonetes, restaurantes, açaideiras, sorveterias e pizzarias. Porém, esse espaço ainda necessita que sejam incorporados novos elementos que venham diversificar ainda mais as opções de lazer.

4.5 O CENTRO DE ALAGOINHA ENQUANTO ESPAÇO COMERCIAL

O comércio é um dos elementos que faz com que a área estudada tenha uma posição de centralidade dentro do espaço urbano de Alagoinha. Este que se apresenta para população tanto de forma fixa, por meio dos estabelecimentos comerciais, como por meio dos fluxos que são representados pelos bancos das feiras livres e dos vendedores ambulantes (Figura 39).

Figura 39 - Estabelecimentos comerciais no centro de Alagoinha/PB.

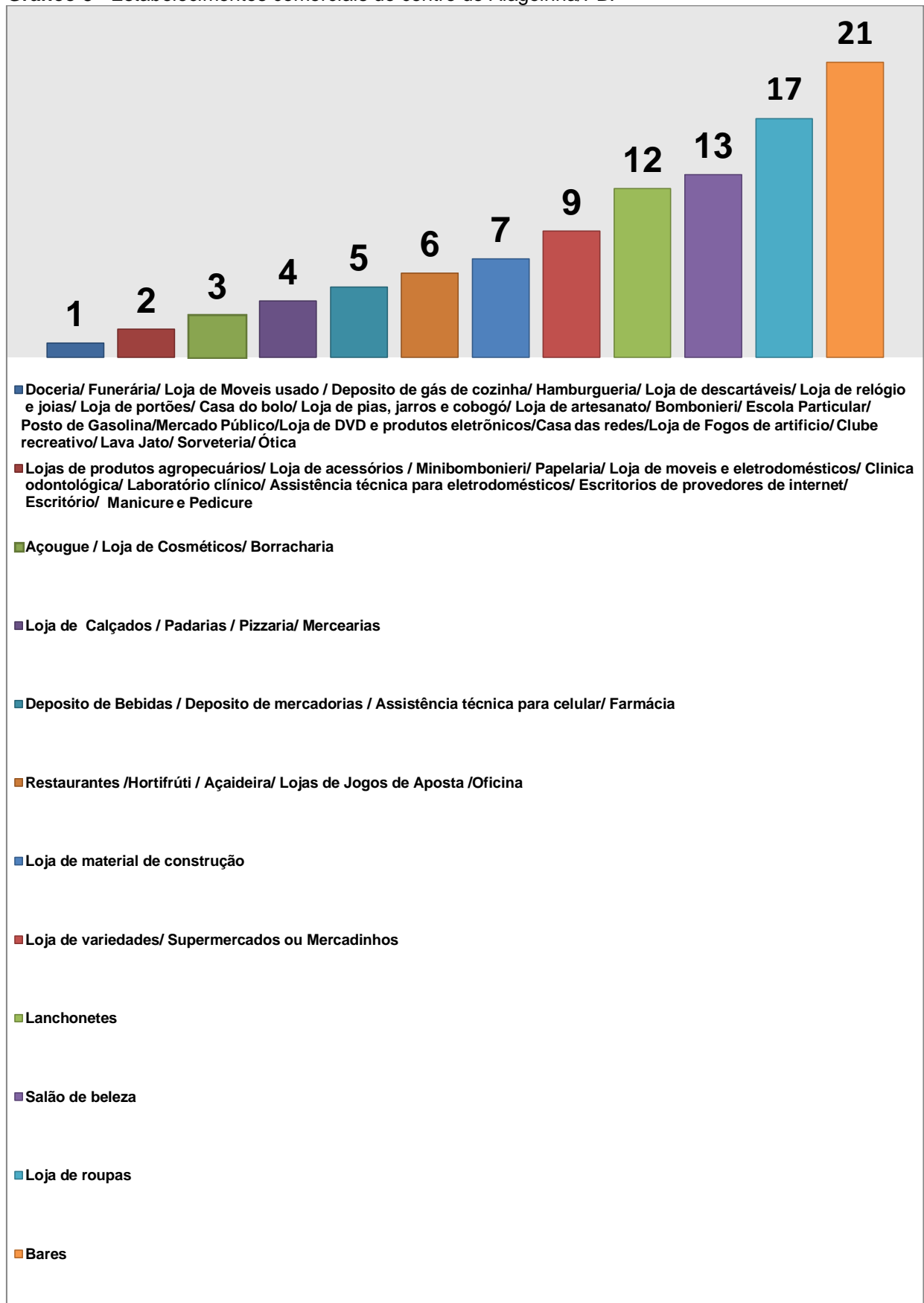


Fonte: Da autora (2018).

A função comercial deste espaço vem desde os primórdios da sua história se desenvolvendo e os alagoinhenses precisam cada vez menos de recorrer ao comércio de outras cidades maiores. Desse modo, são encontrados no centro de Alagoinha estabelecimentos comerciais que dispõem de mercadorias e serviços como: farmácias, lojas de calçados, lojas de roupas, bombonieres, papelarias, supermercados, hortifrúti, padarias, bares, depósitos de bebidas, lanchonetes, pizzarias, posto de gasolina, clínicas odontológicas, escritórios de advocacia, salões de beleza, lojas de móveis e eletrodomésticos, dentre outros.

Um dos principais motivos que levam as pessoas de outras áreas da cidade ou da zona rural do município ao centro é o comércio. A partir das colocações dos entrevistados alegando que vão a este espaço em busca dos produtos e serviços disponibilizados pelos estabelecimentos comerciais e pela feira livre que ocorre nas quartas-feiras e aos sábados. É na feira dos sábados em que o centro recebe um número maior de pessoas da zona rural do município, que vão em busca tanto dos produtos disponibilizados na feira livre como nos estabelecimentos comerciais.

É notório o quanto o comércio cresceu no centro de Alagoinha nos últimos 10 anos. Os estabelecimentos apresentam-se mais variados e existe uma concorrência maior entre alguns segmentos. Nesse intervalo de 2009-2019 surgiram nesse espaço estabelecimentos que no passado não existiam como, por exemplo: doceria, pizzarias, açaideiras e loja de artesanato. A concorrência apresenta-se maior entre os bares que são no total de 21, lojas de roupa 17, salões de beleza 13 e as lanchonetes com 12. No âmbito do comércio, a concorrência faz com que o consumidor disponha de uma variedade maior do mesmo produto, assim como, de melhores preços (Gráfico 8).

Gráfico 8 - Estabelecimentos comerciais do centro de Alagoinha/PB.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A cada novo estabelecimento comercial que é reformado, ampliado ou surge na área estudada, é fortalecido a sua posição de centralidade dentro do espaço urbano de Alagoinha. Esses fatores colaboram para o crescimento da dinâmica do comércio e ampliações deste espaço, bem como contribuem para que haja uma diminuição das moradias. As reformas e ampliações do Supermercado Bom de Preço fez com que o mesmo continue sendo considerado como um dos maiores supermercados da cidade, uma vez que se pode encontrar uma grande variedade de produtos em um único espaço. Para que ocorresse a sua última ampliação, o centro perdeu um estabelecimento que era ao mesmo tempo, uma loja de roupas e residência (Figura 40).

Figura 40 - Última ampliação do Supermercado Bom de Preço, Alagoinha/PB.



Fonte: Da autora (2020).

Na fala dos donos de estabelecimentos comerciais entrevistados, percebe-se que o principal motivo que os levou a instalarem os seus estabelecimentos no centro foi o fato deste espaço ter um grande fluxo de pessoas circulando diariamente, que faz com que seja atraído um número maior de clientes do que em outra área da cidade.

Hoje o fato dos supermercados terem uma variedade maior de produtos e de existirem 6 hortifrúteis, permitiu que produtos antes só encontrados na feira livre também sejam encontrados no centro em qualquer dia da semana. O aumento das lojas de roupas, contendo só no centro um total de 17 lojas, também contribui para que o consumidor possa em qualquer dia da semana ter uma grande variedade dessa mercadoria a venda. Segundo uma feirante esse aumento no número de lojas de roupas fez com que ocorresse uma diminuição das vendas desta mercadoria nos dias de feira.

A maioria dos entrevistados alegaram que mesmo com o desenvolvimento ocorrido nos últimos anos, o comércio existente no centro de Alagoinha ainda não atende a todas as suas necessidades, já que nele não é encontrado alguns produtos e serviços. O fato de existirem poucas lojas de determinados segmentos como, por exemplo, de calçados, faz com que o consumidor seja prejudicado devido aos altos preços e por ter menos opções de determinado produto. Segundo um dos entrevistados: *“as fragilidades existentes no comércio de Alagoinha são supridas pelo comércio de Guarabira/PB”*, que é a cidade mais próxima com o comércio mais desenvolvido onde os alagoinhenses encontram melhores preços e uma variedade maior de produtos e serviços.

O centro de Alagoinha/PB além de ter em seu espaço a maioria dos estabelecimentos comerciais existentes na cidade, também é nele onde ocorrem as feiras livres das quartas-feiras e dos sábados que fortalece ainda mais a função comercial deste espaço. Sendo a feira mais um elemento que atrai um grande fluxo de pessoas vindas tanto de outras áreas da cidade, como da Zona Rural (Figuras 41 e 42).

Figura 41 - Feira livre das quartas-feiras em Alagoinha/PB.



Fonte: Da autora (2018).

Figura 42 - Feira livre dos sábados em Alagoinha/PB.



Fonte: Blog do Cristiano Alves (2013).

A feira livre da quarta-feira (Figura 41) não tem a mesma proporção da realizada aos sábados, pois são armados poucos bancos que se concentram apenas no pátio do mercado e na Rua Irene Moura. Sendo comercializado apenas gêneros alimentícios como verduras, legumes e carnes. Neste dia os feirantes são do próprio município e o fluxo de clientes é bem pequeno, se comparado a feira livre do sábado.

A feira livre realizada aos sábados (Figura 42) ocupa todo o pátio do mercado, áreas próximas à Praça Geraldo Beltrão, as Ruas Irene Moura, José Belo, Tenente Moura, Elogio Martins, Moura Filho e a Governador João Fernandes Lima. Sendo composta por feirantes do próprio município como também de outros. É durante a madrugada que os feirantes chegam a este espaço para arrumar as suas mercadorias e ao amanhecer com tudo já organizado os consumidores encontram uma grande variedade de produtos industrializados, artesanais e agropecuários expostos nos bancos como: roupas, calçados, utensílios domésticos, verduras, frutas, legumes, ervas, temperos, frangos, carnes, peixes, panelas de barro, sandálias de coró, corda de agave e bonecas de pano.

O “Açougue Municipal Marchante Edivaldo Felismino” só funciona em dias de feira. Sendo as feiras das quartas-feiras o dia em que o fluxo de clientes é menor, com isso é disponibilizado uma quantidade menor de mercadoria. Aos sábados existe uma variedade maior de mercadoria onde o cliente pode encontrar carne: suína, bovina, caprina, ovina além de existir uma maior concorrência entre os marchantes. A maioria das carnes comercializadas é oriunda do campo do próprio município.

Já o Mercado Público é aberto apenas durante as feiras realizadas aos sábados, nele o consumidor pode encontrar uma grande variedade de produtos como: feijão, fava, milho, farelo, farinha de mandioca, rapadura, vários tipos de peixes tanto fresco como seco, camarão, carne de sol, carne de charque, linguiça, mortadela e dentro do mesmo também existem pequenas mercearias.

São nessas feiras onde os alagoinhenses compram os produtos produzidos no campo do município como carnes, ovos, galinha de capoeira, peru, peixes, alface, coentro, couve, feijão verde, fava, milho verde, batata-doce, macaxeira, inhame, banana, manga, caju, laranja dentre outros produtos. Entretanto, a produção do campo de Alagoinha não supri a demanda do seu mercado, com isso os feirantes fazem compra em outras localidades para poderem revender na feira.

Já as roupas e variedades, os feirantes e donos de lojas da cidade compram nas feiras de Toritama/PE (a 178 km de Alagoinha levando em média 2 horas e 42 minutos), Caruaru/PE (a 213 km de Alagoinha levando em média 3 horas e 14 minutos) e Santa Cruz do Capibaribe/PE (a 177 km de Alagoinha levando em média 2 horas e 43 minutos), onde são adquiridos por um preço mais acessível. Assim, esses produtos, ao chegarem em Alagoinha, são revendidos com preços que

permite aos feirantes e donos de loja terem até 100% de lucro em cada produto comercializado.

De acordo com a percepção dos feirantes entrevistados, de 2009-2019 o número de comerciantes da feira realizada aos sábados aumentou, sendo em sua maioria alagoinhenses. Os feirantes que vêm de outros municípios são de Alagoa Grande, Guarabira, Cuitegi, Lagoa Seca, Jacaraú, Pilões, Mulungu e Juarez Távora.

Segundo uma das feirantes, diante da falta de oportunidade existente no mercado de trabalho, muitos alagoinhenses recorrem ao comércio para poder ter uma fonte de renda. E também existem aqueles que o têm como uma complementação da sua renda. Os bancos de feira são bem mais viáveis para o pequeno comerciante do que os estabelecimentos comerciais, já que exige um investimento financeiro menor.

De acordo com os feirantes e donos de estabelecimentos comerciais, o período do mês em que as vendas aumentam, corresponde ao intervalo entre os dias 20 e 10, devido aos pagamentos do Bolsa Família, aposentadoria, salário da prefeitura e de outros vínculos empregatícios.

Para os entrevistados que comercializam os seus produtos e serviços tanto em estabelecimentos, como nos bancos da feira livre, os meses do ano em que ocorre maior número de vendas são junho e dezembro. Isso ocorre devido aos festejos juninos e as festividades de fim de ano que contribuí para o aumento das vendas de produtos alimentícios, roupas, calçados e na prestação de serviços de beleza.

O grande número de estabelecimentos comerciais existentes no centro o torna em um espaço gerador de empregos sejam eles, formais ou informais. Em Alagoinha muitos dos trabalhadores desse espaço não tem carteira assinada e alguns chegam a receber menos de um salário mínimo por mês.

O poder público enquanto planejador deste espaço pode, através de suas ações, trazer contribuições para o comércio existente no centro. De acordo com os entrevistados, as gestões públicas nos últimos 10 anos fizeram em 2013 um piso novo no pátio do mercado e no açougue municipal uma reforma em 2012, bem como uma restauração em 2019.

Já o capital privado diversificou o comércio ainda mais e com isso ocorreu um aumento no número de estabelecimentos comerciais em todo o centro. A atuação mais significativa dos recursos privados, no intervalo que vai de 2009-2019, foi a

construção da Praça Durval Barbosa e a instalação de todos os estabelecimentos comerciais no seu entorno. Alguns desses estabelecimentos estão localizados em um espaço que antes fazia parte de uma fazenda próxima a cidade.

Segundo os comerciantes entrevistados, as melhorias que o poder público poderia fazer neste espaço, que de forma direta ou indireta, iria contribuir para o comércio seria: buscar meios para gerar mais empregos para população; asfaltar o centro; resolver o problema do escoamento das águas pluviais; reduzir a carga tributária; organizar a feira para que cada gênero de mercadoria fique em um determinado setor, sem ser tudo misturado; melhorar a estrutura da feira para dar mais conforto aos feirantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que o centro de Alagoinha/PB no intervalo entre 2009 a 2019, teve sua infraestrutura e dinâmica econômica transformadas pelos agentes sociais, trazendo assim, algumas melhorias para os seus usuários no que se refere as suas funções comercial, administrativa, bancária e de lazer.

Dentre as funções exercidas pelo centro de Alagoinha, a que mais se destacou nos últimos 10 anos e o transformou foi a função comercial. Função esta, que faz com que as outras áreas da cidade e a zona rural do município sejam dependentes deste espaço. O comércio também contribuí para que diuturnamente exista um grande fluxo de pessoas circulando no centro. No entanto, nota-se que o poder público deve investir mais na infraestrutura deste espaço de modo que venha contemplar o comércio.

A função a administrativa do centro de Alagoinha é representada nesse espaço através de fixos como: a Prefeitura Municipal, a Câmara Municipal e a Secretaria Municipal de Educação. Nesse período de 10 anos, tanto esses fixos administrativos como outros estabelecimentos públicos, localizados nesta área da cidade, passaram por algumas alterações em sua infraestrutura, surgiram como novos elementos do espaço ou até mesmo mudaram de endereço. Fatores esses, que contribuíram para que as formas do espaço fossem alteradas e para dá um melhor atendimento à população desse município.

Os estabelecimentos que contribuem para função bancaria deste espaço, vem colaborando para que os alagoinhenses precisem cada vez menos ir em busca desses serviços na cidade de Guarabira/PB. Porém, esta função precisa de melhorias para que os Alagoinhenses possam resolver todos os seus problemas bancários na própria cidade.

O lazer é algo indispensável na vida dos seres humanos. Em Alagoinha, é no centro onde pode-se encontrar um número maior de elementos que venham a proporcionar momentos de lazer para seus usuários. Os agentes sociais vêm contribuindo para que nos últimos anos aumentassem as opções de lazer neste espaço. Para que tal função seja proporcionada pelo centro, o mesmo vem ganhado novas formas, portanto o que antes era um espaço sem edificações, virou um parque de eventos. Onde se tinha um prédio público em ruínas, passou a existir uma praça com um número considerável de estabelecimentos que contribuí para o lazer.

As ações humanas no espaço no decorrer do tempo lhe atribuem novas formas e funções.

O centro com todas as suas funções é aquele espaço que não é vivenciado apenas pelos seus moradores. Portanto, nas ruas do centro de Alagoinha, cotidianamente se vê um grande número de frequentadores que são de outras áreas da cidade, da zona rural do município e em uma escala menor de outros municípios circunvizinhos. Nota-se mais pessoas de outros municípios nesse espaço nas feiras livres dos sábados e nas festas. Frequentadores esses, que vão a este espaço em busca dos estabelecimentos comerciais, de serviços bancários, das praças, das feiras livres e das festas.

Com base nas entrevistas e na observação, percebeu-se que o Poder Público pode resolver alguns problemas existentes no centro de Alagoinha, assim como, também pode contribuir para que o mesmo se torne um espaço ainda mais agradável. Sendo assim, o poder público ao intervir no centro com obras ou ações que venham a melhorar este espaço, não estará contemplando apenas os seus moradores e sim a todos os seus usuários.

REFERÊNCIAS

ALAGOINHA. **Lei Orgânica do Município de Alagoinha/PB**. Câmara Municipal de Alagoinha, 1990, 51p.

Alagoinha em Foco. Disponível: <http://alagoinhaemfoco.blogspot.com>. Acesso em: 21 de março de 2020.

ALVES, Glória da Anunciação. A mobilidade/imobilidade na produção do espaço metropolitano. *In*: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011. p.109-122.

_____. **O uso do centro da cidade de São Paulo e sua possibilidade de apropriação**. São Paulo: FFLCH, 2010. 268 p.

ANDRADE FILHO, Eginaldes de. **Alagoinha: Evolução Política-Administrativa**. João Pessoa: Ideia, 2004. 213 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2018. 98 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011. 234 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da geografia. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p.15-48.

_____. **O Espaço Urbano**. 3. ed. São Paulo: Ática S.A., 1989. 94 p.

CRUZ, Maria Cristina da Silva. **Análise do comportamento morfodinâmico dos movimentos de massa recentes na área urbana do município de Alagoinha/PB**. 2017. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Frota de veículos de Alagoinha/PB de 2006-2018**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/alagoinha/panorama>. Acesso em: 20 set.2020.

_____. **Produto Interno Bruto-PIB per capita de Alagoinha-PB de 2017**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/alagoinha/panorama>. Acesso em: 20 set. 2020.

_____. **Divisão Regional do Brasil: em Regiões Geográficas Imediatas e em Regiões Intermediárias**.IBGE: Rio de Janeiro: 2017. 83 p.

_____. **Censo Demográfico de 2010**, Alagoinha-PB. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/alagoinha/panorama>. Acesso em: 20 set. 2020.

_____. **Índice de Desenvolvimento Humano Municipal-IDHM de Alagoinha-PB de 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/alagoinha/panorama>. Acesso em: 20 set. 2020.

_____. **População estimada de Alagoinha-PB de 2020**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/alagoinha/panorama>. Acesso em: 20 set. 2020.

MEDEIROS, Coriolano de. **Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba**. 2. ed. Rio de Janeiro: Dept. Imprensa Oficial, 1950.

PARAÍBA. [Constituição (1989)]. **Constituição do Estado da Paraíba**, João Pessoa: Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba, 2005. 115 p.

PARIZOTTO, Raphael. **Planejamento e problemas urbanos provocados pela ação das chuvas em Brasília/DF**. 2016. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

PINTAUDI, Silvana Maria. Mercados públicos: vestígios de um lugar. *In*: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 167-176.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, 382 p.

_____. **Espaço e Método**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997. 88 p.

_____. **O Centro da Cidade do Salvador: Estudo de Geografia Urbana**. 2. ed. Salvador: Edufba, 2008. 208 p.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. 473 p.

SANTOS, Rozely Ferreira dos. **Planejamento ambiental: Teoria e Prática**. São Paulo: Oficina de Textos, 2004.

SERPA, Angelo. Lugar e centralidade em um contexto metropolitano. *In*: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 97-108.

SILVA, Regina Celly Nogueira da. **A revitalização do centro histórico de João Pessoa: uma estratégia para a reprodução do capital**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. 312p.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **A prisão e a ágora**: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 632 p.

_____. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 189 p.

SPÓSITO, Eliseu Savério. **A vida nas cidades**. 5. edição. São Paulo: Contexto, 2010. 92 p.

SPOSITO, Eliseu Savério; SILVA, Paulo Fernando Jurado da. **Cidades Pequenas: Perspectivas Teóricas e Transformações Socioespaciais**. Jundiaí: Paco Editorial: 2013. 148 p.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades sociais. *In*: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 123-145.

TV **Mídia.** Disponível em:
MÍDIA https://www.youtube.com/watch?v=yhtuGN4Gb3k&list=PLXMfVXck2qI_c_nvqQve_eGvDqSNeONSy&index=180. Acesso em: 10 junho de 2020.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Lincoln Institute, 1998. 373 p.

VILLAÇA, Flávio. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. *In*: DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli Ramos (orgs.). **O processo de urbanização no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2004, p. 169-243.